

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**PUC – SP**

**Thatyane Trepiccio**

**Preconceito e Retórica**  
**O feminino na música popular brasileira**

**Mestrado em Língua Portuguesa**

**São Paulo**  
**2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**PUC – SP**

**Thatyane Trepiccio**

**Preconceito e Retórica**  
**O feminino na música popular brasileira**

**Mestrado em Língua Portuguesa**

Dissertação apresentada à  
Banca Examinadora como  
exigência parcial para  
obtenção do título de Mestre  
em Língua Portuguesa, pela  
Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo, sob a  
orientação do Prof. Doutor  
Luiz Antonio Ferreira.

**São Paulo**  
**2009**

**Banca Examinadora**

---

---

---

## **Dedicatória**

**Dedico aos meus pais,  
os verdadeiros professores do ato de viver.**

## **Agradecimentos**

**Deus**

Por iluminar os meus passos

**Mirian, minha mãe**

Por segurar a minha mão nas horas precisas

**Wilson Roberto, meu pai**

Por me ensinar a caminhar pela vida

**Rodrigo, meu irmão**

Por não me deixar desistir das minhas idealizações

**Joel Junior, meu futuro marido**

Por ser tão atencioso e carinhoso

**Profº Dr. Luiz Antonio Ferreira**

Pela paciência com que me conduziu pelo mundo da Retórica

**Profª Dra. Nílvia Pantaleoni**

**Profª Dra. Vanda Maria da Silva Elias**

Por corrigirem meus passos nessa caminhada

## Resumo

Este trabalho situa-se na linha de pesquisa Texto e Discurso nas Modalidades Oral e Escrita e apresenta como tema o feminino na música popular brasileira.

A justificativa da pesquisa deve-se ao fato de que na nossa sociedade existe um preconceito instaurado contra as mulheres loiras. Portanto, o nosso objetivo geral é provar que este preconceito é minimizado na música popular massiva, uma vez que a predominância seja de um ethos positivo.

Para o desenvolvimento do trabalho, fundamentamo-nos no conceito de Retórica dado em Aristóteles e em preceitos básicos sobre os recursos retóricos citados especialmente em Perelman e Tyteca, Reboul, Tringali e Meyer.

Partindo das figuras bíblicas e mitológicas de Lilith, Eva e Afrodite, é feita uma comparação com o ethos das mulheres eternizadas pela história e pelas mulheres atuais citadas nas canções.

A pesquisa realizada, nas vinte e cinco amostras, possibilita a identificação das várias formas como a loira pode ser vista na música popular brasileira: fatal, burra, delicada, encantadora, golpista e desejada.

Tendo como base os ethos acima constituídos nas canções estudadas, chegamos à conclusão, de acordo com o número de amostragens, que a loira é querida pelos homens e desperta o desejo, uma paixão que pode estar contida no amor, assim como fazia a figura mitológica de Afrodite que encantava lançando um só olhar.

Palavras-chave: retórica, preconceito , música popular brasileira.

## **Abstract**

This work establishes itself in the research's line text and speech in the verbal and writing modalities and it shows as theme the feminine in the Brazilian pop music.

The reason of research due to the fact that in our society there is a initiate prejudice against blonde women. Therefore, our general objective is prove that this prejudice is minimized in the mass pop music, since the predominance be of a positive ethnos.

The work's evolution, is based in the notion of Aristóteles' rhetoric and in basic precepts about the rhetoric recourse cited especially in Perelman e Tyteca, Reboul, Tringali and Meyer.

Starting from biblical and mythological figures of Lilith, Eva and Aphrodite is done a comparison with the ethos of eternalized women by the history and by the modern women cited in the songs.

The realized research, in the twenty-five samples, allows the identification of the several ways as the blonde woman can be seen in the Brazilian pop music: fatal, stupid, delicate, charm, grifter and desirable.

Having as base the ethos above formed in the studied songs, we reach a conclusion, according the sample's numbers, that the blonde woman is dear for the men and awakes the desire, a passion that can be contained in the love, that so did the mithological figure of Aphrodite that charmed casting just the glance.

Keywords: rhetoric, prejudice, Brazilian pop music.

## Sumário

Dedicatória.....	IV
Agradecimentos.....	V
Resumo.....	VI
Abstract.....	VII

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
-------------------------	----------

<b>Capítulo 1 – Fundamentação Teórica.....</b>	<b>7</b>
--	----------

1.1 Origem da retórica.....	7
1.2 A Retórica de Aristóteles.....	8
1.2.1 Gêneros oratórios.....	8
1.2.2 As partes do discurso.....	9
1.3 O Renascimento da Retórica.....	10
1.3.1 Premissas da argumentação.....	12
1.3.1.1 Argumentos quase-lógicos .....	13
1.3.1.2 Argumentos baseados na estrutura do real.....	14
1.3.1.3 Argumentos que fundamentam a estrutura do real ..	14
1.3.1.4 Procedimentos de dissociação ou argumentos que dissociam uma noção .....	15
1.3.2 Figuras retóricas .....	15
1.3.3 As paixões.....	17

<b>Capítulo 2 – A música popular brasileira e a constituição do ethos da mulher loira .....</b>	<b>20</b>
---	-----------

2.1 Música popular brasileira.....	20
2.2 Música popular massiva .....	22
2.3 Estereótipo da mulher loira .....	24
2.3.1 Lilith.....	25
2.3.2 Eva .....	28
2.3.3 Afrodite .....	30

<b>Capítulo 3 – O imigrantes e o preconceito .....</b>	<b>34</b>
3.1 Os imigrantes europeus .....	34
3.2 O preconceito já constituído .....	37
<b>Capítulo 4 - A loira na Música Popular Massiva .....</b>	<b>41</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>78</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>80</b>

## Introdução

Esta dissertação está vinculada à linha de pesquisa Texto e Discurso nas Modalidades Oral e Escrita e, por meio da teoria da retórica, investiga a constituição do preconceito na canção popular massiva que, por sua vez, está ligada às expressões musicais surgidas no século XX. O poder da argumentação se mostra potente em qualquer interação social e a intencionalidade do orador se expõe em maior ou menor grau na articulação discursiva. O auditório é movido pelas paixões provocadas por esse orador que, por sua vez, procura adequar o discurso ao contexto social e cultural em que seu ouvinte se insere.

Do ponto de vista sócio-cognitivo, a cultura é entendida como um conjunto de conhecimentos sociais, assimilados como formas de representação avaliativa do mundo. Desse modo, os conhecimentos e valores são transmitidos de geração para geração e constituem o vivido e o experimentado pelos grupos sociais de uma determinada comunidade discursiva. Crê-se, na constituição desta dissertação, na existência de uma dialética bastante significativa entre o individual e o social. Nesse jogo de influências, o social atua sobre o individual e a recíproca é também verdadeira. Em função desse movimento, a própria cultura reflete a dinamicidade inerente às trocas interlocutivas. Todas dotadas de intencionalidade e argumentatividade.

Por outro lado, como a cultura é produto da história e, ao mesmo tempo, a constitui, reflete, amplamente, os valores sociais, modifica-os ou os sedimenta em função das normas de conduta dos indivíduos numa determinada sociedade. O preconceito contra as mulheres loiras, por exemplo, é produto cultural. Quem é que, atualmente, não conhece alguma piadinha de "loira burra"? Há uma unidade imaginária construída no convívio social solidificada pelos discursos públicos e até institucionais, de modo a se configurar como uma espécie de verdade na memória cultural de uma nação.

Neste trabalho, parte-se da premissa que o preconceito se dissemina por meio dos discursos sociais e que a música popular massiva é eivada de constituições preconceituosas que, por encontrarem um veículo de fácil propagação - ou rádio ou a tv - têm força argumentativa - pela figura de presença - e constroem enunciados clichês tais como o que nos interessa sobremaneira: "A loira é burra".

Leite (2008) apresenta, em seu livro, a diferença de preconceito e intolerância e os discrimina assim:

*À primeira vista, pode-se dizer simplesmente que as palavras preconceito e intolerância são sinônimas. Um exame um pouco mais detido, contudo, pode mostrar que o preconceito é a idéia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir o indivíduo à intolerância, à atitude de não admitir opinião divergente e, por isso, à atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações. (2008: 20)*

A música popular, nessa concepção, constitui-se em discurso disseminador de valores, visões de mundo e seu conteúdo semântico tematiza as paixões humanas. Crê-se, ainda, que o preconceito surge de uma generalização superficial que se configura num estereótipo. Na nossa cultura, muitos são os estereótipos consagrados no seio social de acordo com o nosso conhecimento de mundo: "todos os baianos são preguiçosos", "todos os paulistas são arrogantes", "todos os cariocas são presunçosos". Em São Paulo, qualquer campineiro é homossexual e, no Brasil, a má fama dos homens nascidos em Pelotas, no Rio Grande do Sul, não é menor que a dos nascidos em Campinas. Essas formas pertencem ao universo da doxa, da opinião, da crença, aqui, gratuita e meio irracional, despida de questionamentos ou de fundamentação em pesquisas ou raciocínios mais fundamentados.

Há poucos trabalhos centrados na produção dos sentidos disseminados pelas canções populares, a despeito do espaço que ocupam em termos econômicos, sociais e estéticos. Este estudo, pois, justifica-se e parte do pressuposto de que a música popular massiva é um produto cultural midiático, um fenômeno de linguagem da cultura popular contemporânea e, ainda, que uma análise do preconceito em português deve levar em conta as situações retóricas que culminam num ato discursivo revestido por uma canção de cunho popularesco.

A noção de música popular massiva está ligada à dialética entre a cultura popular e os artefatos midiáticos. A canção é produto da capacidade humana de transformar uma série de crenças culturais em produtos que se corporificam em letra e melodia. Aqui, a música popular massiva é vista como um gênero midiático que trabalha entre as estratégias produtivas e o sistema de recepção e de leitura dos produtos da indústria cultural. Por ser produto da mídia, as condições de produção e de consumo, em nosso trabalho, se interpõem significativamente e constituem-se num universo pragmático (textual, sociológico e ideológico) interessante, que precisa ser desvendado por meio de leitura criteriosa e sedimentada em teorias da argumentação e da leitura.

Como gênero popularesco, a canção não se esquia de rotulações e, por assumir-se popular e massiva, dirige-se a um auditório específico tanto em termos mercadológicos quanto textuais.

Não se espera, pois, que as canções da amostragem aqui selecionada sejam poemas altamente elaborados nem que o conteúdo das letras divulgue idéias profundas sobre a natureza do homem e sua conduta ética, justamente porque a MPM (Música popular massiva) se submete às regras econômicas (direcionamento e a apropriação cultural), regras técnicas e formais (estratégias de produção de sentidos) e à recepção pelo auditório (recepção musical em sentido estrito: popular e facilmente consumível, no que tange às convenções sonoras). Em nossos

dias, é o mercado que determina como deve ser embalada a música popular, é o mercado que molda o gosto musical ao determinar quais são os valores e gostos que podem ser "incorporados" pela população em geral. Enfim, estratégias comunicacionais são significativas nas condições de produção das canções populares e não se dissociam dos aspectos performáticos (que instituem o dançar dessa ou daquela maneira, já que toda a MPM (música popular massiva – assim será descrita daqui para frente) indica modos específicos de participação corporal diante do que se ouve.

Esta dissertação, pois, aborda a propagação do preconceito em língua portuguesa por meio da música popular massiva. Para a mulher loira cumprir seus propósitos, vale-se dos estudos da retórica e tematiza a formação de um ethos cultural, imposto pelo discurso da mídia, que atribui à mulher loira o *status* de pouco inteligente.

Uma canção, dentre vinte e cinco amostras, é analisada para que possamos cumprir com o objetivo de mostrar como é que vêm sendo rotuladas, as loiras, ao longo do tempo. A escolha das canções se deu de forma aleatória, em função da presença do termo "loira" ou de referências indiretas feitas em canções populares naquele período de tempo.

Tomaremos como base três mulheres ícones que orientarão a nossa análise: Lilith, a primeira esposa de Adão; Eva, a segunda esposa, no entanto, a primeira que conhecemos perante à Bíblia; e a Afrodite, a deusa do amor da Mitologia Grega. Todas representadas secularmente como mulheres loiras, sensivelmente persuasivas, cada uma com suas idiossincrasias.

A dissertação se estrutura a partir de algumas perguntas fundamentais, seguidas de hipóteses: Como podemos definir o ethos da mulher loira em geral na música popular brasileira? Como podemos

provar retoricamente que o orador quer transmitir uma imagem positiva ou negativa sobre essas mulheres? Será que todas possuem uma imagem angelical? Todas são frutos do poder da sensualidade? São anjos ou demônios? São inteligentes, ou a força do preconceito só consegue classificá-las como burras?

Para responder a essas perguntas e às hipóteses, nos basearemos na retórica de Aristóteles (1954) que corresponde à arte do bem falar, aos conhecimentos de Reboul (1998), às premissas de Perelman e Tyteca (1996), aos argumentos de Meyer (2007), aos saberes sobre a música popular brasileira de Tinhorão (1997), Homem de Mello (2000) e Waldenyr Caldas (2005). A busca pelo conceito do feminino é realizada em Pitman (2003), Lessa (2004), Touraine (2007), Engelhard (1997), Sicuteri (1990), Robles (2006), Hillman (1984) e Muraro (2000).

O interesse por saber essas respostas, começou em um "Grupo de Trabalho" do Professor Luiz Antonio Ferreira, em que estudávamos a constituição do ethos feminino. Todos nós tínhamos de escolher algum tipo de mulher para produzir um artigo. A mim, foi concedido o da conhecida "Loira burra", tão massacrada pela música do Gabriel o Pensador. A partir daquele momento, foi impossível parar com os estudos na área da retórica para desvendar as características dessas mulheres. O grupo de trabalho denominado LEEM - Leitura, Escola e Mídia - pretende a criação de uma pedagogia de leitura dos produtos da mídia.

O grupo tem também, como proposta, a elaboração de uma metodologia para análise e interpretação dos aspectos midiáticos da música. Considera, como explicitamos mais acima, a música popular massiva como um campo de expressões associado às novas técnicas de produção, armazenamento e circulação dos bens culturais, surgidos no início do século XX. Aborda a música produzida no contexto midiático e para isso leva em conta a interação entre o estudo de aspectos sonoros,

lógico mercadológico da indústria fonográfica, suportes de circulação e os diferentes modos de execução e audição relacionados a essa estrutura. Em nosso caso, os estudos sobre situação retórica e ato retórico são fundamentais para a constituição de um ethos projetivo da mulher loira na canção contemporânea.

Além da introdução e das considerações finais, nosso trabalho é formado por quatro capítulos que dão ao corpo da análise, subsídios para que as perguntas e as hipóteses levantadas até então possam ser respondidas.

No primeiro capítulo, é feito o levantamento de alguns recursos retóricos e conceitos que são usados na análise das músicas escolhidas.

Já no segundo capítulo, o que está em evidência é a música popular brasileira e a massiva. O estereótipo da mulher, mais especificamente a loira que, por sua vez, é bastante discutido de acordo com o livro de Leitão (1988). As três mulheres ícones: Lilith, Eva e Afrodite, que têm ethos bastante diferentes e cada uma apresenta um imenso poder persuasivo.

É estudado, no terceiro capítulo, a imigração européia que nos deixou muitos vestígios de cabelos loiros no nosso país. E também o preconceito e a intolerância que estão ao nosso redor, que ouvimos e vemos por meios midiáticos e que a tantos ferem.

Por fim, o quarto capítulo contém a análise das músicas selecionadas para que possamos provar qual é a verdadeira constituição do ethos da mulher loira na música popular brasileira.

## 1º Capítulo – Fundamentação Teórica

### 1.1 Origem da Retórica

Podemos afirmar, segundo Reboul (1998), que a retórica é anterior a sua história, uma vez que os gregos a usavam como uma espécie de um jogo e inventaram a técnica retórica, que possibilitava a defesa de qualquer tese.

A história nos permite dizer que o nascimento da retórica se dá por meio de novas relações sociais instituídas por ela. Afirmamos que seu nascimento se dá por intermédio do poder judiciário. Por volta de 465 a.C. muitas terras foram subtraídas em Sicília pelos tiranos e, com isso, muitas causas foram realizadas para conseguir ter novamente as terras que lhes foram tiradas. Córax e Tísias produziram uma coletânea de exemplos de uso prático aos cidadãos para que pudessem ter mais facilmente em mãos os pedidos à justiça.

Górgias aborda a retórica a serviço do belo, do literário e da nuance, com sua linguagem quase poética, a uma retórica não judicial. Os sofistas, preocupados com a gramática, também voltam sua teoria retórica para o sucesso na persuasão. Eles criaram a retórica como arte do discurso persuasivo.

Isócrates une conceitos e traz a necessidade de estilo, de técnica judiciária, de técnica poética, de ensino e de filosofia. Acredita que é preciso ter um objetivo específico para depois se encontrar os meios para atingi-lo.

Platão, por sua vez, emprega a moralidade do uso sofístico da retórica. Preocupado com o mau uso dessas habilidades, identifica a habilidade retórica como a manipulação da verdade.

Para Aristóteles, a dialética não está menos a serviço do verdadeiro do que do falso; ela trata do provável. Podemos afirmar então, que a dialética é a arte de argumentar por meio do raciocínio lógico.

A relação existente entre retórica e dialética é que ambas apresentam a distinção do verdadeiro e do aparente, ou seja, podemos dizer que são dois termos que designam a mesma disciplina.

Embora muitos “tratados” tenham surgido na Grécia Antiga, é Aristóteles quem efetivamente sistematiza a Arte Retórica. Para ele, a retórica não se resume à arte de persuadir, mas aos meios de persuasão específicos de cada caso para o qual é chamada. Eleva, assim, a Retórica ao patamar de arte do bem falar e sistematiza seus aspectos.

## **1.2 A Retórica de Aristóteles**

Aristóteles ocupa um lugar de destaque na sistematização da razão do Ocidente. Ele é entendido como filósofo que deu origem ao racionalismo que praticamos.

De seu vasto trabalho, daremos ênfase a sua proposta de análise e sua esquematização da retórica, a partir da estrutura de significação que se dá na argumentação:

### **1.2.1 Gêneros Oratórios**

Aristóteles classifica a retórica em três gêneros oratórios, propondo tempos, meios, lugares de uso e objetivos distintos para cada um:

**Judiciário:** Acusa ou defende. A sua finalidade maior é exprimir um julgamento, com base nos fatos passados que pretende esclarecer; com objetivo ético, por meio de acusação ou defesa.

**Deliberativo:** Persuade ou dissuade, aconselha ou desaconselha. Tem o objetivo político, por meio da persuasão ou dissuasão, visualiza a verificação do que é útil ou prejudicial e se fundamenta no lugar do possível ou impossível.

**Epidíctico ou Demonstrativo:** Elogia ou censura. O “agora” é enfatizado, com objetivo estético, por meio do elogio ou da censura, objetiva a exaltação do belo e do feio e se fundamenta no lugar da quantidade.

### 1.2.2 As partes do discurso

Para que o discurso seja realizado em sua totalidade, ou seja, para que seja entendido, é preciso que tenha as quatro partes do discurso: invenção, disposição, elocução e ação.

A invenção é o momento em que é necessário escolher a interpretação, ou seja, precisa ficar claro o gênero oratório que será usado: judiciário, deliberativo ou epidíctico.

Aristóteles mostra que os três gêneros podem se diferenciar pelo tempo:

*O judiciário refere-se ao passado, pois são fatos passados que cumpre esclarecer, qualificar e julgar. O deliberativo refere-se ao futuro, pois inspira decisões e projetos. Finalmente, o epidíctico refere-se ao presente, pois o orador propõe-se à admiração dos espectadores, ainda que extraia*

*argumentos do passado e do futuro. (Aristóteles in Reboul - 1998: 45)*

Temos, também, três tipos de argumentos, de acordo com Reboul (2000): ethos, pathos e logos. O ethos, segundo Meyer (2007), é a imagem de si que o orador transmite ao auditório, mesmo que não seja a sua própria imagem, mas aquela que ele quer suscitar. Pathos, o orador suscita paixões no seu auditório. As paixões não são simplesmente emoções, elas podem ser como uma forma de resposta que o orador necessita no ato da elocução. Logos é tudo aquilo que está em questão, ou seja, a paixão que foi suscitada no auditório.

A disposição é o lugar retórico a que recorre para construir o discurso. Existem muitos planos-tipos desse lugar. São eles: exórdio, narração, confirmação e peroração.

O exórdio é o início do discurso onde dominam os argumentos éticos e patéticos. A narração é a exposição aparentemente objetiva, onde os fatos são apresentados. Em seguida, temos a confirmação que é a maior parte do conjunto de provas, seguido de refutação que destrói as provas adversárias. E, por último, a peroração que se refere à conclusão.

A terceira parte do discurso é a elocução que corresponde à redação do discurso e, a quarta parte do discurso é a ação que está ligada ao arremate do trabalho retórico, que é dita como especial, pois sem ela o discurso não teria atingido o público.

### **1.3 O Renascimento da Retórica**

A teoria da argumentação retoma e renova a Retórica Clássica como a arte de bem falar, voltada para a persuasão e o convencimento, além de recobrar tanto seu aspecto dialético quanto tópico e enfatizar

aspectos de que toda argumentação é necessariamente contextualizada e pessoal.

Algumas pessoas podem pensar que o simples fato de falar sobre algum assunto científico para uma platéia é fazer com que essa platéia se interesse pelo assunto. No entanto, são necessários outros fatores para que o auditório se interesse pelo assunto. Perelman e Tyteca (1996) falam sobre a relação orador- auditório e auditório –orador.

O orador precisa suscitar paixões no auditório para que consiga a atenção e assim persuadi-lo de maneira eficaz. E, para que isso ocorra, é o auditório quem vai ditar as paixões que precisam ser suscitadas.

É preciso, também, demonstrar um ethos positivo para o auditório, mesmo que não seja o seu, para que o discurso se torne interessante.

Podemos, ainda, ter dois tipos de auditórios: o universal e o particular.

O universal é aquele que não representa um grupo fechado, mas sim um todo. Quando o orador se reporta a esse tipo de público, apresenta uma maior dificuldade em suscitar paixões com tanta eloquência.

Já o particular é aquele que apresenta um grupo seletivo. Sendo assim, o orador pode estudar com mais facilidade, uma forma de persuadir esse grupo, uma vez que já se sabe sobre o determinado assunto. O orador conhece o seu auditório previamente, ele sabe quais palavras usar e como persuadir o público em questão.

Perelman e Tyteca (1996) distinguem quatro grandes grupos de argumentos: argumentos quase-lógicos, argumentos baseados na estrutura do real, argumentos que fundam a estrutura do real e procedimentos de dissociação ou argumentos que dissociam uma noção.

Mas antes disso há que referir as premissas da argumentação.

### 1.3.1 Premissas da argumentação

Todo o movimento da argumentação consiste em transpor a adesão inicial que o auditório tem relativamente a uma opinião que lhe é comum para uma outra de que o orador quer convencer. Daí a importância do conhecimento que o orador deve possuir do seu auditório, das suas opiniões, das suas crenças, enfim de tudo aquilo que ele tem por admitido.

Essas devem ser as premissas da argumentação: as teses sobre as quais há um acordo. Nesse acordo, as premissas comuns são fatos, verdades e presunções que podem ser conceituadas, segundo Reboul (1998) da seguinte forma:

*O acordo repousa primeiramente sobre fatos, e fatos já são argumentos. (...) É uma verificação que todos podem fazer, que se impõem ao auditório universal. (...)*

*As verdades são ainda menos diretas, são prováveis, como uma lei tendencial.*

*As presunções têm função capital, pois constituem o que chamamos de “verossímil”, ou seja, o que todos admitem até que se prove o contrário. (Reboul -1998:165)*

Segundo Perelman e Tyteca (1996) há dois tipos de acordo presentes nas premissas da argumentação: acordo sobre o real e sobre o preferível.

O acordo sobre o real exprime-se em juízos sobre o real conhecido ou presumido: tudo o que é admitido pelo auditório como fato, verdade ou presunção.

O acordo sobre o que é preferível exprime-se em juízos que estabelecem uma preferência em termos de valor, hierarquia ou ainda nos lugares (comuns) do preferível: quantidade ( a maioria preferível à minoria), qualidade ( o que é raro preferível ao que é banal), existente (prefere-se o que existe: “mais vale um pássaro na mão...”etc).

Como já havíamos dito, Perelman e Tyteca (1996) apresentam quatro grandes grupos de argumentos:

### **1.3.1.1 Argumentos quase lógicos**

São aqueles que se apresentam explicitamente, têm sua força persuasiva na sua semelhança com argumentos formais: o orador designará os raciocínios formais aos quais se refere prevalecendo-se do prestígio do pensamento lógico, ora estes constituirão apenas uma trama subjacente.

Aqui, encontramos a contradição e a incompatibilidade que variam segundo os meios e as culturas.

*“...a identidade e a definição: enfatizam o que há em comum entre os elementos a que se aplicam. A indução, a classificação e a definição exemplificam essa técnica argumentativa. Vale lembrar que o uso argumentativo das definições pressupõe a possibilidade de definições múltiplas, extraídas do uso ou criadas pelo autor, entre as quais é preciso fazer uma escolha... estando feita esta escolha, seja ela apresentada como óbvia ou seja ela defendida por argumentos, a definição utilizada é considerada expressão de uma identidade.” (Perelman e Tyteca -1996: 243)*

Também está inserida nessa sub-categoria da argumentação quase lógica a regra de justiça, cuja premissa é oferecer tratamento igualitário aos elementos ou situações de uma mesma classe ou categoria.

#### **1.3.1.2 Argumentos baseados na estrutura do real**

Nesse caso, os argumentos são baseados em uma explicação e não mais em uma implicação.

Valem-se da realidade para estabelecer conexões que pretende o orador perante o seu auditório.

#### **1.3.1.3 Argumentos que fundamentam a estrutura do real**

São aqueles que lidam com as argumentações fundamentadas pelo recurso ao particular, em três maneiras distintas:

Como exemplo: permite uma generalização, tem como função fundamentar uma regra.

Como ilustração: embasa uma regularidade já estabelecida reforçando-a.

Como modelo: incentiva ou evita a imitação inspirada em um caso particular.

#### **1.3.1.4 Procedimentos de dissociação ou argumentos que dissociam uma noção**

São aqueles que apresentam a ruptura de uma ligação e a dissociação de noções. São estabelecidos acordos que compreendem a noção de verdade se forem coerentes com determinados grupos.

Segundo Reboul:

*“Não se espera de um argumento apenas que ele seja eficaz, isto é, que seja capaz de persuadir seu auditório; espera-se que ele seja justo, isto é, capaz de persuadir qualquer auditório, de dirigir-se ao auditório universal”(1998: 194)*

### **1.3.2 Figuras Retóricas**

Enquadradas na elocução, as figuras retóricas funcionam como provas retóricas que são usadas com intencionalidade, o de fazer persuadir no e pelo discurso.

O termo “figura”, segundo Mosca (1997), apresenta dois aspectos:

- 1) o efeito de concretude que provoca no leitor ou ouvinte;*
- 2) o distanciamento em relação a outra forma de linguagem, considerada própria e estritamente dentro dos padrões gramaticais. (1997)*

Quando usamos as figuras para suscitar paixões no auditório, estamos fazendo o uso de figuras retóricas, caso contrário, seriam apenas figuras de estilo.

Perelman e Tyteca(1996) apresentam a seguinte classificação de figuras retóricas: 1) Figuras de caracterização; 2) figuras de presença; 3) figuras de comunhão.

Os presentes termos, afirmam os autores, *“não designam gêneros dos quais certas figuras tradicionais seriam as espécies. Significam apenas que o efeito ou um dos efeitos de certas figuras é, dentro da apresentação dos dados, o de impor ou sugerir uma caracterização, o de aumentar a presença ou de realizar a comunhão com o auditório”.* (1996)

Reboul(1998) trata, ainda, de outras figuras de retórica, tais são elas: figuras de palavras, figuras de sentido, figuras de construção e figuras de pensamento.

As figuras de palavras referem-se a todas as artimanhas que podemos elucidar por intermédio do léxico, do ritmo, da etimologia. Valemo-nos desses recursos para intencionalmente provocar e suscitar paixões no nosso auditório. O ritmo das frases tem uma importância capital, pois representa a música do discurso, o que torna o discurso mais harmonioso e fácil de ser retido. As figuras de som: aliteração, paronomásia e antanáclase implicam fonemas, sílabas ou palavras.

- Fonemas: aliteração em que os sons de letras se repetem na frase;
- Sílabas: paronomásia onde as rimas podem ser vistas como um recurso;
- Palavras: baseiam-se na homonímia e na polissemia.

Usando a homonímia, temos o humor dos trocadilhos. A polissemia seria responsável em dar mais de um sentido para uma mesma palavra.

Além das figuras, temos que contar ainda com a etimologia das palavras que podem enriquecer e muito o discurso. Pode até ser usada como um recurso da história da língua, um argumento quase lógico que, talvez, pese bastante quando proferido.

As figuras de sentido referem-se ao significado. Consistem em empregar um termo que não o habitual para fazer com que o auditório reflita e construa um sentido ao que está sendo dito. As metáforas são fortemente usadas para tais objetivos. As figuras de sentido são usadas para desempenhar um papel lexical no mérito de enriquecer o sentido das palavras.

Já as figuras de construção referem-se à construção da frase do discurso que será proferido. Algumas funcionam por repetição, outras,

por anulação. As figuras usadas por anulação (subtração) são: elipse, assíndeto, aposiopese ou reticência. As que ficarão com a idéia de repetição são: epanalepse e antítese.

As figuras de pensamento dizem respeito à relação entre as idéias. Essas figuras referem-se ao discurso como tal, o trocadilho implica algumas palavras, enquanto que a ironia engloba todo o discurso, um livro inteiro pode ser irônico.

Assim, podemos dizer que muitas figuras podem ser encontradas na música popular brasileira, pois os autores as usam para persuadir o auditório. Eles fazem questão também de despertar paixões para que a sua música seja bem aceita e até mesmo faça com que ela entre na vida desse auditório de forma que fará parte dela.

### **1.3.3 As paixões**

A música popular brasileira é rica em figuras que despertam paixões no seu auditório. Os autores fazem isso propositalmente, pois a intenção é “capturar” esse apreciador da música de forma que ele não se esqueça mais dela. É por isso que nos baseamos, que em retórica, razão e sentimentos são inseparáveis. É Reboul (1998) que nos lembra os conceitos de Cícero:

Docere: (instruir, ensinar) é o lado argumentativo do discurso;

Delectare: (agradar) é seu lado agradável, humorístico;

Movere: (comover) é aquilo que abala, impressiona o auditório.

Esses conceitos contribuem para a compreensão do caráter complexo do processo de argumentação, que envolve não apenas a razão, mas os aspectos emotivos do poder da palavra.

O movimento passional proporcionado pelo discurso, pela argumentação, é também passível de ser analisado. Temos de nos lembrar que o que é despertado em algumas pessoas pode não ser a mesma reação de outras. Bem sabemos que algumas músicas apresentam alguns argumentos que são muito queridos por alguns do auditório e, no entanto, outros não apóiam e nem apresentam esse mesmo ponto de vista.

Devemos nos lembrar que não se extrai igualmente um ethos do orador que se manifesta em seu discurso pela forma que este se exprime. Na composição de seu ethos estão a *phronésis* (parte do logos que lhe indica as condições de razão e razoabilidade), a *arethé* (seu ethos, propriamente dito, que lhe indica a sua condição de honestidade e sinceridade) e a *eunóia* (que lhe indicam a solidariedade com o auditório).

Essa tripartição da condição do homem parece ser constante: ethos, logos e pathos não podem ser vistos como termos dissociados, posto que um significa apenas com a compreensão e contribuição do outro.

O elemento afetivo sempre está presente, em maior ou menor grau, em todas as manifestações do compreender, do significar, do argumentar e do próprio existir.

Aristóteles elegeu catorze espécies de sentimentos capazes de efetuar essa mudança de julgamento e os intitulou como paixões. São elas: cólera, calma, amor, ódio, temor, confiança, vergonha, imprudência, favor, compaixão, indignação, inveja, emulação e desprezo.

O logos proferido por um orador carrega também o pathos na potencialização de uma das paixões que desperta e cria efeitos de compaixão, cólera., indignação, inveja, etc..., que estão presentes em quaisquer atos comunicativos que são, na essência, retóricos.

Podemos afirmar que não há no gênero humano quem não se emocione. Assim, chegamos a pensar que as músicas que analisaremos, com certeza, provocarão inúmeras paixões que podem ser suscitadas no próprio orador e no auditório.

## **2º Capítulo – A música popular brasileira e a constituição do ethos da mulher loira**

### **2.1 – Música popular brasileira**

Segundo Tinhorão (1997), no Brasil dos anos 60, o mundo da cultura passou por um período de intensa criação que interligava as diversas artes. Um dos elementos que possibilitou essa interligação foi a preocupação comum a esses criadores de pensar o Brasil e o seu futuro.

No período em que a música popular brasileira estava sendo gestada - anos 60 - o governo militar instalado buscou apropriar-se dos símbolos pátrios e impingir um nacionalismo xenófobo e truculento. Por outra parte, existia uma elite intelectual tradicional que defendia os valores pátrios e condenava qualquer tentativa de transformação cultural que não seguisse seus padrões. Contra essas duas posturas, cantores da MPB (Música popular brasileira) entraram na disputa da definição do que era ser brasileiro, propondo-se a rediscutir a identidade nacional em outros moldes.

É interessante perceber que a MPB foi se transformando, no decorrer dos anos, em um dos índices mais fortes da brasilidade e do orgulho nacional, um aspecto que, junto do futebol, tem servido para o reconhecimento interno e também externo da marca do ser brasileiro. Não custa lembrar que os músicos ligados à MPB, desde os anos 60 até hoje, estão inseridos nas discussões sobre a identidade e nação.

O autor ainda estabelece uma relação dos pais da bossa nova com a cultura norte-americana, tentando comprovar sua venda "ao capital estrangeiro". Apresenta a parcela mais conservadora da intelectualidade,

disposta a preservar um purismo de nossa cultura contra qualquer influência externa, sobretudo norte-americana.

Quando o tema é a canção de protesto, que incorporava nas letras a problemática e as lutas ligadas à realidade brasileira, Tinhorão (1997) não se dava por vencido e reafirmava seu ponto de vista. Para ele, essa seria uma maneira de os compositores ligados à bossa nova em tentar fugir da alienação, pois a fuga se daria pela letra das composições. Isto é, diante da aberração que consiste em descobrir que se estava falando musicalmente de temas universais, com sotaque americano, o que a chamada participação pretende é falar nacionalisticamente de temas nacionais, mas sem perder o sotaque.

No plano musical, resgatavam-se as velhas formas de canção urbana (sambão, sambinha, marcha, marcha-rancho...) e rural (moda de viola, samba de roda, desafio...), atendo-se à simplicidade formal. O importante era o conteúdo a ser transmitido, como muito bem sintetiza Homem de Mello:

*"Acho que em canção popular a música deve ser uma funcionária despudorada do texto. Isso não quer dizer que não se deva usar os recursos artesanais, com a maior disponibilidade possível, para o desenvolvimento de uma ideologia musical nacional. Mas é preciso ter um cuidado muito grande para que o uso desses recursos esteja realmente a serviço do texto, que é fundamental na canção popular."* (Homem de Mello, 2000)

Em 1964, segundo Waldenyr Caldas (2005), quando os militares se assenhoraram do poder, o retrocesso político nos jogaria de volta àqueles tempos muito semelhantes aos do Estado Novo. A canção popular teve participação significativa na resistência contra os desmandos e o autoritarismo político a que fomos submetidos por mais vinte e um anos.

Surgia, nesse momento, uma geração de jovens cantores e compositores protestando com arte, com um discurso preciso e fecundo contra a falta de liberdade e de democracia. Nessa batalha, muitas pessoas foram presas, deixaram o país e outras nunca reapareceram. Essa gente toda protestou, mas sofreu a perseguição, como tantos outros que lutaram pela justiça social.

Em 1967, de acordo com Tinhorão (1997), a trupe tropicalista, tendo Caetano e Gil à frente, ateou fogo à discussão, trazendo novas cartas na manga.

O processo de transformação na música popular brasileira aconteceu e continua ainda hoje com os movimentos hip -hop, funk, axé, entre outros que talvez nem tenhamos conhecimentos.

## **2.2 – Música popular massiva**

A idéia da música popular massiva, segundo Janotti (2006), está ligada diretamente às expressões musicais surgidas no século XX e que foram reproduzidas e muito ouvidas graças aos inúmeros recursos midiáticos contemporâneos. Pode-se dizer que esses recursos e a configuração da música popular massiva estão relacionados de forma que ambos são apresentados juntos.

Ainda conforme o autor, o aumento do consumo da música por ouvintes se deu graças aos primeiros aparelhos de reprodução de sons.

De acordo com Tatit (2004), o surgimento do samba se deu de forma bastante avassaladora por conta da invenção do gramofone que fazia com que as pessoas pudessem apreciar aquela representação musical. A regularidade das canções foi exaltada quando o refrão, elemento básico para a música popular massiva, foi ressaltado para uma maior memorização da letra e melodia da canção. Daí surgiu a vontade

de cantar junto e não apenas ouvir, o receptor neste caso podia participar junto ao seu cantor predileto.

Hoje, sabemos distinguir quando se trata de um samba ou um funk, por exemplo, pois fomos induzidos pelos recursos midiáticos a conhecer um pouco melhor a sonoridade das melodias. Os gêneros musicais, então, seriam modos de mediação entre as estratégias produtivas e o sistema de recepção.

Janotti (2006) diz:

“É preciso reconhecer que boa parte daquilo que é consumido como rock ou MPB, por exemplo, pressupõe valorações que nem sempre estão ligadas diretamente aos aspectos musicais de uma determinada canção. Intérpretes como Raul Seixas e Cássia Eller são rotulados como roqueiros, mesmo que, em determinadas canções, a sonoridade se aproxime do universo musical da MPB.”

O gênero musical, assim, é constituído por inúmeros aspectos que não apenas melódiosos, mas também sociais e ideológicos.

A performance musical requer não só a materialidade da música, mas requer também, uma variabilidade da interpretação dessa música. Assim, há uma comunicação entre orador e receptor. Não se pode apenas cantar a música, é preciso que seja feita com sentimento, de forma que venha a suscitar paixões no seu auditório.

Veremos, no nosso capítulo de análise, como a música popular massiva a ser desvendada possui recursos performáticos como acabamos de ver.

Faremos, também, uma análise da constituição do ethos da mulher loira nos próximos tópicos a serem abordados no presente trabalho e veremos como foi realizada esta constituição, desde a beleza angelical de Eva à Afrodite com todo o seu poder persuasivo de sedução.

### **2.3- O estereótipo da mulher loira**

A afirmação de que "as loiras são burras" é evidentemente preconceituosa e implica a discussão sobre a constituição do ethos feminino.

Um estudo realizado por Joanna Pitman (2003), que resultou no livro "On Blondes" (Sobre as loiras), afirma que as loiras sempre foram vistas como "criaturas ao mesmo tempo inocentes, poderosas e produtos de uma intrigante combinação de fantasia sexual e imagem angelical." A outra imagem, nos remete ao século XIV e à figura de Eva, que com seus lindos cabelos louros simbolizava a pureza inquestionável do ouro. Podemos, ainda, pensar em Afrodite, a deusa do amor, costumeiramente retratada como uma loira e de extremo poder sensual. A bíblia e a mitologia a sua maneira, fortalecem a criação de um estereótipo da mulher loira: anjo e demônio, inocente e poderosa, decidida e provocante.

Pitman (2003) afirma que as loiras estão mais envolvidas com escândalos e ligadas sempre aos poderosos e, por isso, as figuras históricas das heroínas vão se tornando loiras à medida que sua lenda se perpetua. Cleópatra, a rainha egípcia que conquistou o coração do Imperador Júlio César - afirma a autora - apareceu, em vários livros e pinturas, de cabelos claros.

Não há nesse aspecto, qualquer referência à inteligência da mulher loira, a não ser o que historicamente é realçado sobre os poderes e defeitos de qualquer mulher.

Touraine (2007) demonstra uma imensa vontade em romper com o discurso “neste campo nada se pode fazer”, e contribuir com a redescoberta das mulheres como sujeitos de suas próprias ações. Em uma de suas análises, o autor fala da evolução da sexualidade despertada na mulher e que a faz se libertar de uma imagem que até elas tinham de si mesmas e, assim, constroem uma ruptura da imagem social que tinham anteriormente.

Lessa (2004) fala sobre as personagens femininas nas comédias aristofânicas e diz que elas não seguem uma figura mítica da mulher, mas sim como uma representação das mulheres atenienses, o que elas são e serão. Essas mulheres, portanto, possuíam características como dissimuladoras, enganadoras, desmedidas. Um exemplo disso é a representação das jovens esposas em “Lisístrata” que, por ficarem muito tempo sozinhas porque os seus maridos estavam batalhando na guerra, faziam greve de sexo para que essa mesma guerra acabasse.

Podemos ver essa mesma característica em Lilith, que possuía uma personalidade bastante forte e não admitia ser submissa a um homem. Em seguida, veremos uma imagem mais angelical, a de Eva. E logo depois, conheceremos um pouco melhor os encantos de Afrodite, a deusa do amor.

### 2.3.1 - Lilith



Segundo Engelhard (1997), a figura feminina de Lilith está presente nas mitologias sumeriana, babilônica, assíria, cananéia, hebraica, árabe, persa e teutônica, mas rejeitada pela cultura e pela religião tradicional e patriarcal.

Em Sicuteri (1990), de acordo com o Zohar, obra cabalística do século XIII, Deus, no princípio, criou duas grandes luzes com a mesma importância – o Sol e a Lua. A Lua, no entanto, não estava à vontade com o Sol e, na verdade, cada um se sentia incomodado pelo outro. Deus, então, ordena que a Lua procure o seu caminho e torne-se inferior, fazendo com que esta se sinta humilhada. Desde então a Lua nunca mais teve luz própria, obtendo-a por intermédio do Sol. A partir daí, quando a luz primordial foi afastada, criou-se a casca do mal, que cresceu e produziu uma outra que foi chamada de Lilith.

O mito de Lilith no Zohar, portanto, deriva do ressentimento da Lua, ao ser diminuída e enviada para as regiões inferiores. Juntamente com o diabo, a Lua comanda a alma de todas as bestas do campo e de toda criatura viva que rasteja, ou seja, o aspecto instintivo e terreno do masculino e do feminino.

Lilith, segundo Robles(2006), é uma figura de cabelos longos que lembra a imagem dos querubins. É a mulher considerada como demônio noturno, a paixão da noite, assassina de recém-nascidos, sedutora dos adormecidos, uma prostituta coberta por um ímpeto sexual inexplicável. Era considerada em pé de igualdade com os homens. Figura da mitologia que ficou conhecida como a primeira mulher de Adão que, como ele, foi criada do pó e não da costela como foi Eva. Portanto, Lilith era a criação de superioridade feminina e não exercia o papel de submissão ao homem.

Alguns autores da mitologia lhe dão a aparência de um demônio com enormes caninos e lhe dão por marido o demônio Sama'el. É conhecida como a rainha do mundo inferior por suas aspirações pecaminosas.

Lilith ensina que antes mesmo que Eva reconhecesse a beleza do corpo, a mulher já estava preparada para impor seu erotismo num mundo considerado "divino".

Por ter sido criada do barro, do mesmo que fora criado Adão, Lilith se achava em pé de igualdade com Adão e é por isso que no ato da cópula ela pedia a Adão que ele ficasse embaixo. Adão, como um homem, não aceitava tal pedido, o que a deixou furiosa e fez com que abandonasse o seu marido e companheiro para sempre.

Adão reclamou a Deus, que enviou três anjos para que trouxesse de volta a Lilith ao lar, com a ameaça, caso ela não concordasse em retornar, de matar cem de seus filhos a cada dia. Quando a encontraram, imploraram a ela que aceitou revoltada com a vingança de fazer o mesmo com os recém-nascidos que ela encontrasse. Se fosse menino, ela degolava até o oitavo dia de vida e, se fosse menina, a ameaça de morte se prolongava até o vigésimo dia de vida.

Segundo a mitologia, Lilith vive nas profundezas dos oceanos desde tempos imemoriais e ali é mantida pelos guardiões supremos por meio de reiteradas censuras, a fim de que não volte a perturbar a vida dos homens e mulheres.

Na concepção de Chevalier (1990), Lilith foi relegada à convivência com os demônios. Isto porque, quando encolerizada, pronunciou o nome mágico de Deus e fugiu para começar uma carreira demoníaca, transformando-se na rainha dos demônios. Em sua revolta, declarou guerra ao Pai, não deixando desde então homens, mulheres e

crianças em paz. Permaneceu como sombra e inimiga de Eva, instigando amores ilegítimos e perturbando o leito conjugal. Seu domicílio foi fixado nas profundezas do mar, no lado escuro da lua, ou na serpente, veículo do pecado e da transgressão que expulsou a todos do Paraíso.

Enquanto mulher rejeitada ou abandonada por causa de outra, Lilith representará o ódio contra a família, o ódio aos casais e aos filhos.

A expulsão do Paraíso se deu tanto para Lilith como para Eva, no entanto, os propósitos eram diferentes, mas podiam se interligar. Lilith queria manter relações sexuais em posições que não eram aceitas por Adão. Já Eva provocou sua expulsão por provar um fruto proibido. Ambas desobedeceram às ordens impostas por Adão e Deus. Podemos dizer que as duas mulheres eram extremamente diferentes e iguais ao mesmo tempo. As características de Lilith eram de uma mulher independente e não submissa e, a figura de Eva, nos representava uma mulher angelical e totalmente servil. Vejamos então, a história de Eva.

### 2.3.2 - Eva



Eva, segundo Martha Robles (2006), é a figura da mulher que prova do fruto pecaminoso e seduz Adão levando-o a pecar também, o que culmina na expulsão dos dois do Paraíso.

Essa imagem que Eva carrega consigo é o reflexo das mulheres batalhadoras, sensuais que antecipou na mitologia remota uma esperança libertadora, a tradição religiosa. Eva foi feita da costela de Adão, o que demonstra total submissão ao homem. Daí vem a imagem da mulher que precisa ser submissa aos homens, pais e maridos.

Embora Eva seja uma figura submissa, ela apresenta o poder de decisão, o que fez com que ela experimentasse viver sem medo entre o bem e o mal e levou consigo o homem mais puro de todos, Adão. Ela não só decidiu comer o fruto que a serpente lhe ofereceu chamando-o de fruto proibido, como fez com que Adão o provasse junto dela. Ela conseguiu persuadir Adão por meio do seu poder de sedução.

Eva inspira duas posturas opostas do raciocínio: em uma é atraída pela serpente e levada a pecar porque carece de força moral e obedece aos ditames de sua sensualidade; mas a outra, Eva é a deusa ante a morte de Deus na consciência humana.

Desde Gênesis, a mulher é a menos racional, a mais profana do casal e a culpada pela queda da humanidade. Eva é a portadora do signo perverso da palavra, já que a serpente falava e a seduziu por meio disto.

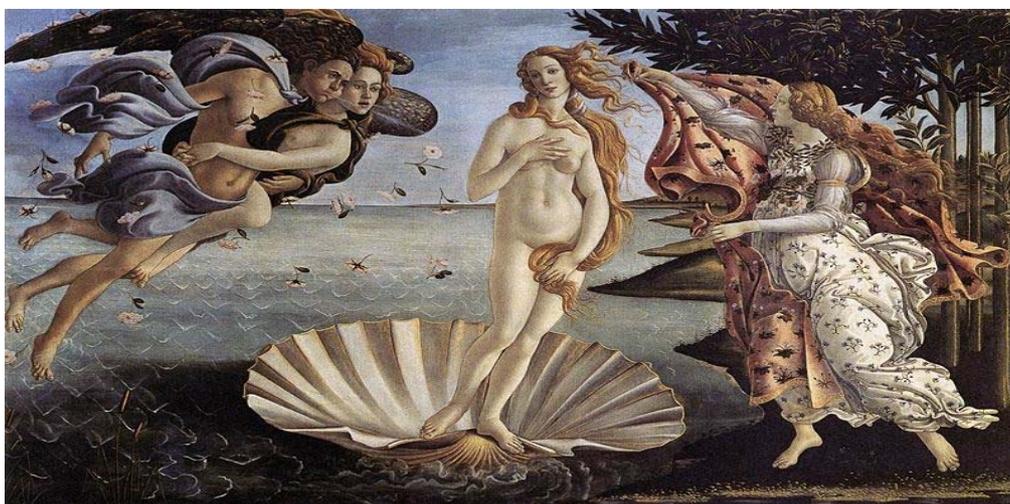
A história de Eva é a de uma idéia que representa a vida e o mundo. É a inspiração do poder, do remorso, gozo carnal, imaginação fundadora e força libertadora, pois deu a imagem da mulher, mãe e amante.

Em síntese, ela é a culpada por se arrepender de sua escolha, mas em cada mulher de hoje há uma Eva que pensa e decide por si só, mesmo que se arrependa depois do ato consumado.

Segundo Hillman (1984), fica clara a superioridade do homem por ser criado primeiro à imagem de Deus. Superior também em consciência, pois Eva foi extraída dele, durante seu sono profundo e, substancialmente superior porque ela é apenas uma parte em relação ao todo.

Muraro (2000) afirma que, como Eva não foi criada diretamente da terra, possuía a imperfeição e, por este fato, estava ligada à tentação da serpente, que no matriarcado representa a sabedoria e o conhecimento. Já no patriarcado, é vista como representante da sexualidade, ou seja, o demônio que induziu o homem a comer o fruto proibido. Eva, então, tornou-se culpada pelo pecado original, pois afastou o homem de Deus, recebendo a sua maldição, como a morte e o trabalho infundável.

### 2.3.3 – Afrodite / Vênus



*Virgem que veio do mar*

*Estrela sempre luminosa da manhã*

*Deusa radiante da beleza feminina*

*Amante do encanto virginal da sensualidade*

*Vênus eterna da tolerância e beleza*

*Baila na luz, oculta dentro de nossos olhos*

*Sensualidade feminina*  
*Eternamente revelada na mulher.*

*(Autor desconhecido)*

Segundo Martha Robles (2006), há duas versões sobre o nascimento biológico desta Deusa. Na versão de Homero, Afrodite nasce de modo convencional, como sendo filha de Zeus e Dione, ninfa do mar. Já na versão de Hesíodo, ela nasce em consequência de um ato bárbaro. Cronos cortou os órgãos de seu pai Urano e os atirou no mar. Uma espuma branca surgiu em torno deles e misturando-se ao mar gerou Afrodite. Sendo assim, Afrodite é filha do Céu e do Mar, a Deusa Mãe original em muitas tradições, e o primeiro fruto da separação do céu e da terra. Como foi gerada no mar, é a filha do começo, é a figura que, igual à Deusa original, volta a unir as formas separadas de sua criação. Nesse sentido, Afrodite "nasce" quando as pessoas recordam, com alegria, o vínculo que une os seres humanos com os animais e com toda a natureza e, ainda, quando percebem esse vínculo como uma realidade clara e sagrada. O mito sugere que isso aconteceu mediante o amor. A união se converteu em reunião, pois o amor que gera vida se faz eco do próprio mistério da vida.

Afrodite possuía em sua cintura um cinto mágico e, ao tocá-lo, ela seduzia todos os homens a sua volta e, assim, os levaria ao delírio. Não obstante ao uso do cinto mágico, a deusa usava de outras artimanhas para seduzir os homens a que hoje chamamos de recursos "afrodisíacos".

Considerada uma eterna infiel e batalhadora, a portadora do amor se caracteriza pela sua astúcia. Ela cura, restaura, une os diferentes, embeleza o feio, encontra metades perdidas, reconcilia, ilumina, enfeitiça o instinto e torna cego o mais lúcido dos seres humanos.

Escolheu como esposo Hefestos, que ela traiu logo no início do relacionamento. Ele era feio e trabalhador, a amava acima de tudo no

mundo, mas a volúvel Afrodite ia e vinha por muitos leitões e outros tantos campos floridos. Desta forma suscitou guerras históricas como a Guerra de Tróia.

Seu mito é histórico e perdurável, pois é um mistério indecifrável que envolve a deusa da beleza tão odiada quanto invocada que sempre está a espreita da paixão.

Hefestos, seu esposo cego de ciúmes, forjou uma rede de bronze imperceptível e resistente como a de uma teia de aranha e a amarrou por todos os lados de sua cama. Afrodite regressou da Trácia e Hefestos anunciou que estava para sair de férias na ilha de Lemnos. Afrodite, então, chamou Ares para que continuassem seus amores sem imaginar que cairiam na armadilha de Hefestos. Quando tentaram se levantar, perceberam que estavam presos e teriam de esperar Hefestos para serem soltos. No entanto, quando ele voltou, não foi sozinho para ver o adultério de sua esposa, ele chamou toda a assembléia de deuses para envergonhar Afrodite.

Ares se divertia com as reclamações do marido ofendido, portanto toda raiva o fazia se divertir ainda mais.

Parado, em um dos lados da cama, Poseidon enamorou-se de Afrodite ao contemplá-la desnuda e enredada na cama. Sentiu um fogo que lhe queimava por dentro, mas não deixou que ninguém percebesse.

Depois de passar pelo enredar da cama, Afrodite continuava a flertar por aí como se nada tivesse acontecido. Hermes foi visitá-la para falar-lhe de seu amor e, como de costume, Afrodite tirou o seu cinto e deitou-se com ele. Juntos geraram Hermafrodito, uma criatura estranha que tinha os dois sexos em si.

Afrodite também atendeu aos pedidos de Poseidon, com quem procriou Rodos e Herófilo. Com Dionísio, tivera uma criatura monstruosa, que mal conseguia caminhar por causa do tamanho de suas genitais.

Inesgotáveis foram as seduções de Afrodite, sempre com a sua mão sobre o cinto mágico enfeitiçando a todos os homens, fazendo-os delirar.

### **3º Capítulo – Os imigrantes e o preconceito**

#### **3.1 – Os imigrantes europeus**

No Brasil, os cabelos loiros podem ser notados devido ao grande número de imigrantes europeus. A maior concentração de louros ocorre principalmente na serra gaúcha, no Vale do Rio dos Sinos (Rio Grande do Sul) e no Vale do Itajaí (Santa Catarina) por conta de vários imigrantes alemães.

Os cabelos claros também podem ser notados entre brasileiros de ascendência norte-italiana, localizados em todo o sul e sudeste do Brasil. Há também a significativa presença em comunidades de origem polonesa e ucraniana no Paraná, além de uma minoria de cabelos alvos de origem portuguesa, por quem fomos colonizados.

De acordo com Roche (1969), a Alemanha, no início do século XIX, passava por novos desenvolvimentos econômicos: a industrialização teve um grande impulso, necessitando de mão-de-obra especializada, o que causou a ruína de muitos artesãos e trabalhadores da indústria doméstica. Sem poderem desenvolver suas atividades artesanais, esses trabalhadores livres começaram a formar um exército de mão-de-obra barata assalariada para a indústria que estava nascendo.

A imigração não acontecia somente por insatisfação social com as novas perspectivas do século XIX. Nessas mudanças econômicas que agitavam o continente europeu, a indústria desenvolveu as cidades e causou o despovoamento dos campos. À medida que a riqueza aumentava, a saúde e o acesso a novos gêneros alimentícios melhoravam

e a população aumentava. Então, a princípio, os governos europeus incentivavam e encorajavam a emigração, como válvula de controle do aumento da população.

O governo alemão também encorajava grupos de empreendedores a conhecer novas terras para conseguir mercado para os produtos alemães. Para algumas colônias, chegou-se a fazer o planejamento e a contratação de administradores e profissionais liberais para a formação das colônias que vinham para o Brasil e formavam sua vida aqui.

Segundo Roche (1969), em 1824, chegam os primeiros colonos alemães ao Rio Grande do Sul. Em algumas décadas, a região do Vale do Rio dos Sinos estava quase que completamente ocupada por esses imigrantes. A colonização transbordou da região, que se expandiu por outras áreas do Rio Grande do Sul. É notável que a colonização alemã tenha sido efetuada em terras baixas, seguindo o caminho dos rios. Na década de 1870, praticamente todas as terras baixas do interior do Rio Grande do Sul estavam sendo ocupadas pelos alemães, porém, as terras altas não atraíam os colonos, que permaneciam desocupadas até a chegada dos italianos, em 1875.

A imigração alemã, segundo Siriani (2003), também se deu em outras regiões do Brasil como Paraná, Rio de Janeiro, Espírito Santo, entre outros. Em São Paulo, os primeiros imigrantes chegaram em 1829 e se instalaram em Santo Amaro, mas a maior parte chegou no início de século seguinte.

Em Minas Gerais, a maior colônia alemã estabeleceu-se em Juiz de Fora, onde em 1858 chegaram aproximadamente 1200 colonos, o que representava cerca de 20% da população da cidade na época.

Os portugueses, segundo Oliveira (1945), são muito próximos dos brasileiros e ao mesmo tempo são distintos. O que nos prova tal afirmação são as recíprocas anedotas que um faz do outro. É certo,

segundo o autor, que o Brasil foi um Eldorado para os imigrantes portugueses, pois aqui encontraram muitas riquezas.

A civilização européia, então, começou a se dar aqui no Brasil, por conta da colonização dos portugueses que trouxeram negros e deram a nós uma miscigenação inegável.

Oliveira (1945) afirma:

*“Portugueses, espanhóis e italianos, por serem brancos, católicos e falantes de línguas próximas, podiam ser assimilados mais rapidamente e correspondiam ao perfil do imigrante desejado.”*

Com base na afirmação acima, podemos chegar a conclusão que não bastava ter uma língua próxima para que os imigrantes fossem aqui desejados, era preciso, primeiramente, que fossem brancos e católicos.

A imigração de acordo com Oliveira (1945) foi marcada da seguinte forma: os portugueses no Rio de Janeiro, os italianos em São Paulo e os galegos em Salvador.

Em São Paulo, os italianos acabaram ficando com uma imagem de “carcamanos”, que se destacam pela suposta ignorância, pois eram acima de tudo, muito unidos, aí então, começaram a dividir São Paulo em bairros inteiramente habitados por italianos.

Ainda hoje, em São Paulo, temos as festas italianas com comidas típicas e que são bem animadas pelas músicas da sua cultura. Diz-se também que todo paulista apresenta um sotaque um pouco “italianado”.

Os espanhóis que vinham para a Bahia em meados do século XIX eram pobres e de uma determinada região da Espanha chamada Galiza. Os habitantes dessa região eram conhecidos como desbravadores de

lugares, pois na terra deles, quando os seus parentes morriam, tinham de deixar aquilo que fazia para seus descendentes, no entanto, quando não tinha o que deixar, esses habitantes se viam na obrigação de ter de ir para outras regiões para sua própria sobrevivência.

Como podemos ver, o nosso povo brasileiro é bastante miscigenado devido ao grande número de imigrantes europeus que vieram fazer parte do nosso convívio, assim, por esse motivo é que começaram os preconceitos de uma raça para com outra. Para entendermos melhor, vamos estudar um pouco mais o preconceito, que atualmente, assola a muitos.

### **3.2 – O preconceito já constituído**

A mulher, em geral, e não especificamente a loira, sofre com preconceitos desde o princípio da humanidade. Segundo a Bíblia (o livro sagrado), Eva tinha de ser submissa e obedecer às ordens de Adão. De lá para cá, muitas coisas mudaram. As mulheres vêm tomando o seu lugar no mundo competitivo de trabalho que antigamente pertencia apenas aos homens.

Podemos dizer que, atualmente, estamos cercados de vários tipos de preconceitos. O preconceito entre raças e religiões, por exemplo, já foram e são muito debatidos para que acabem, mas existe um que nasceu e já está constituído, que é o preconceito na e da linguagem.

Leite (2008) aborda o tema preconceito e intolerância na linguagem e nos mostra como é que podemos identificar os ditos inconvenientes. Segundo a autora, com o aumento do uso da mídia, as pessoas acabam tendo conhecimento desses comentários, no entanto, nos mostra que se não estivermos atentos, é capaz de acreditarmos no que está publicado e não nos daremos conta de que pode ser um comentário rude ao entrevistado, como por exemplo.

Para reconhecermos tal acontecimento, devemos saber distinguir preconceito de intolerância, que ambas parecem ser sinônimas, mas apresentam idéias diferentes:

*“(...) preconceito é a idéia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir o indivíduo à intolerância, à atitude de não admitir opinião divergente e, por isso, à atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações.”(Leite, 2008: 20)*

O preconceito, ainda de acordo com Leite (2008), pode tornar-se uma técnica argumentativa. Quando a imagem de uma pessoa ligar-se a seus atos e discurso, a arma da argumentação estará instaurada, pois se uma pessoa estiver bem vestida e mantendo uma linguagem de acordo com a norma culta, por exemplo, esta poderá transparecer algo que não é verdadeiramente.

Os professores de língua portuguesa cometem esses preconceitos, pois se seu aluno não fala e escreve de acordo com a norma padrão da nossa língua, ele é “errado” e visto como uma pessoa de baixa renda, pois os ricos são “sempre” os “mais inteligentes e os que sabem falar”. A partir dessa afirmação, podemos chegar a conclusão de que temos o preconceito de que todo pobre é “burro” por falar a norma popular e usar gírias para a sua comunicação.

Como já dissemos antes, há o preconceito contra as mulheres, uma vez que esse tipo de acontecimento vem se arrastando desde o princípio da humanidade com a figura de Eva. Segundo Leitão (1988), o sexo feminino sofre diferenças de tratamentos de acordo com os fatores culturais e condições de civilização.

A autora afirma:

*“Nossa sociedade nos condicionou a considerar agressividade, autoridade, decisão, vigor, defesa, independência e raciocínio analítico como sendo características masculinas, enquanto passividade, dependência, submissão, sensibilidade, emoção superficialidade, indecisão, afetividade, intuição, ilogicidade e malícia são femininas.”*

*(Leitão – 1988: 12)*

O trabalho de Leitão (1988) é sobre a desigualdade dos papéis masculinos e femininos. A cidade escolhida pela autora para realizar tal pesquisa é o Rio de Janeiro, em um período de 1978 e 1979. As pessoas entrevistadas variavam de 18 a 50 anos de idade.

Afirmações sobre a preferência masculina, tanto nos pronomes indefinidos quanto na escolha de profissões foram discutidas nesse trabalho de Leitão (1988).

No capítulo em que trata da mulher como objeto, a autora faz o seguinte comentário:

*“Ser feminina significa mostrar-se passiva, fútil, meiga, submissa, carinhosa etc. A mulher, assim, deve apenas ter a preocupação de enfeitar-se, embonecar-se. Qualquer tentativa de afirmação depõe contra a usa feminilidade e frases do tipo: “Ela é burrinha, mas engraçadinha do jeito que o homem gosta”, ou então, comentários como: “Você é bonita demais para ter tanto talento” mostram nitidamente a importância que a nossa cultura dá à aparência física da mulher em oposição a sua capacidade intelectual.” (Leitão, 1988: 23)*

O capítulo nos mostra ainda que a mulher e o homem são diferentes até mesmo quando são insultados. Explica que se a mulher for chamada de “burra” será uma ofensa, mas não a atingirá tanto como se fosse chamada de “gorda”, por exemplo. Já o homem agiria de forma inversa, pois o que importa para ele é a sua capacidade intelectual e não a sua aparência.

A análise das metáforas zoomórficas nos mostram que a mulher é discriminada em todos os sentidos. Vejamos os exemplos citados no livro de Leitão (1988):

*“ Cadela: mulher desavergonhada, meretriz;*

*Égua: meretriz;*

*Galinha: mulher que se entrega com facilidade, ou, acrescentemos, aquela que aceita qualquer forma de relação sexual;*

*Vaca: mulher leviana, que aceita qualquer homem; (...).”*(Leitão – 1988: 35)

Com as afirmações acima, podemos perceber como a sociedade vê a mulher e qual é o papel que ela exerce. Analisaremos, no próximo capítulo, algumas músicas para que possamos desvendar o ethos da mulher loira “cantada” na música popular brasileira.

#### **4º Capítulo – A loira na música popular massiva**

No presente capítulo analítico, duas músicas, dentre as vinte e cinco da amostra, foram recolhidas para o estudo de como se constitui o ethos da mulher loira na Música Popular Brasileira. Para tanto, foi necessária a montagem de uma tabela que contém os adjetivos atribuídos, nessas canções, às loiras; os verbos que a ela se referem, as metáforas usadas e as paixões que essas mulheres despertam.

A música selecionada para a análise foi a "Lôraburra" de Gabriel o Pensador, pois nela está retratado um orador machista que animaliza a mulher loira. Aqui, portanto, estudaremos o preconceito que essas mulheres sofrem por intermédio de um meio de comunicação de massa.

Vejamos como foi formada a tabela com as canções coletadas:

**Loira Fatal/ Sensual**

<b>Título da canções</b>	<b>Adjetivos / Locuções Adjetivas</b>	<b>Verbos</b>	<b>Metáforas</b>	<b>Paixões</b>
O que é que ela tem que eu não tenho?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Horrorosa.</li> </ul>	Tem (algo).	-----	Cólera, Ódio, Ciúmes (suscitadas no orador).
A nova loira do tchan	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linda;</li> <li>• Danadinha;</li> <li>• Engraçadinha;</li> <li>• Bonitinha;</li> <li>• Gostosinha.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É (linda);</li> <li>• Tem (60 de cintura);</li> <li>• Tem (1,70 de altura).</li> </ul>	“Ela é um avião”	Carinho (suscitado no orador)
Loira fatal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linda;</li> <li>• Sensual;</li> <li>• Musa;</li> <li>• Fatal;</li> <li>• Escultural;</li> <li>• Angelical;</li> <li>• Liberal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Era (uma linda loira sem igual);</li> <li>• É (bonita de se ver);</li> <li>• Causando (a maior confusão).</li> </ul>	-----	Amor (suscitado no orador).

Diabo loiro	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bonita.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Chegou (de bobeira);</li> <li>• Fazendo (zoeira);</li> <li>• Quebrando (vidraça).</li> </ul>	“E loira bonita fazendo diabo no meu coração”	Amor (suscitado no orador).
Loirinha sirigaita	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Songa-monga;</li> <li>• Sirigaita;</li> <li>• Rogada;</li> <li>• Pintada;</li> <li>• Linda.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não te <u>faz</u> de songa-monga.</li> </ul>	“Flor de rainha”; “A estrela guia pra minh’alma redomona”	Amor (suscitado no orador).

### Loira burra

Título da canções	Adjetivos / Locuções Adjetivas	Verbos	Metáforas	Paixões
Lôraburra	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perua;</li> <li>• Bonita;</li> <li>• Paqueta;</li> <li>• Burra;</li> <li>• Medíocre;</li> <li>• Orgulhosa;</li> <li>• Objeto;</li> <li>• Vulgares;</li> <li>• Leviana;</li> <li>• Gostosa;</li> <li>• Sebosa;</li> <li>• Tapada;</li> <li>• Preconceituosa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falam e não dá para agüentar;</li> <li>• São (produzidas);</li> <li>• Mostrar (que é bonita);</li> <li>• Estão (em toda parte);</li> <li>• Se preocupam em chamar a atenção);</li> <li>• Não pensam / querem badalar;</li> <li>• Tirar (onda), beber e fumar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vaca;</li> <li>• Cadela;</li> <li>• Cadelinhas;</li> <li>• Ratinhas;</li> <li>• Marionetes alienadas.</li> </ul>	Desprezo (suscitado no orador).

**Loira não é burra**

Título da canções	Adjetivos / Locuções Adjetivas	Verbos	Metáforas	Paixões
Hino das loiras	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Preferida;</li> <li>• Carinhosa;</li> <li>• Definida;</li> <li>• Maliciosa;</li> <li>• Linda;</li> <li>• Gostosa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É (nota dez);</li> <li>• Tem (um toque de beleza);</li> <li>• Tem (a força da paixão);</li> <li>• Faz (o cabra se amarrar);</li> <li>• É (linda por natureza);</li> <li>• Não é (burra);</li> <li>• Tem (preguiça de pensar);</li> <li>• Rouba (a cena);</li> <li>• Tem (direito de errar);</li> <li>• É (gostosa);</li> <li>• Leva (vantagem).</li> </ul>	<p>-----</p> <p>--</p>	Segurança (suscitada nas mulheres loiras).

A loira não é burra	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linda;</li> <li>• Inteligente.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sabe viver;</li> <li>• É (uma paixão).</li> </ul>	<p>“A loira é magia”;</p> <p>“A loira é alegria”;</p> <p>“A loira é uma estrela”.</p>	<p>Amor (suscitado no orador);</p> <p>Segurança (suscitada nas mulheres loiras).</p>

**Loira Delicada / Encantadora**

Título da canções	Adjetivos / Locuções Adjetivas	Verbos	Metáforas	Paixões
Feitiço do chamamé	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bonita.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem (corpo menina moça);</li> <li>• Tem (olhos verdes);</li> <li>• Tem (cabelos pendão de milho);</li> <li>• Tem (rostinho cor de maçã);</li> <li>• É (contemplada);</li> <li>• Encantam (qualquer Xirú).</li> </ul>	<p>“Pecado dos meus desejos”;</p> <p>“Feitiço da cor do mar”.</p>	Amor (suscitado no orador).
Uma loira	-----	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É (um frasco de perfume);</li> <li>• É (o aroma de uma pétala de flor);</li> <li>• É (um sonho, um</li> </ul>	<p>“A loira é uma espuma fervilhante de champanhe”.</p>	Amor (suscitado no orador).

		poema).		
Loira casada	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linda;</li> <li>• Donzela;</li> <li>• Bonita;</li> <li>• Gaúcha.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fiquei (apaixonada);</li> <li>• Se eu não fosse casada;</li> <li>• Ia (embora contigo).</li> </ul>	“Bela flor cheia de encanto”.	Amor (suscitado no orador e na loira da canção).

### Loira Golpista

Título da canções	Adjetivos / Locuções Adjetivas	Verbos	Metáforas	Paixões
A loira do carro branco	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Charmosa;</li> <li>• Encantadora;</li> <li>• Bonita;</li> <li>• Delicada.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pediu (uma carona);</li> <li>• Sentou (bem pertinho de mim);</li> <li>• Por você me <u>apaixonei</u>, <u>desculpe</u> o golpe que lhe <u>dei</u>.</li> </ul>	<p>“Rainha da beleza”;</p> <p>“Mundo encantado”.</p>	Amor (suscitado no orador).
Linda mansão	-----	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fez (sacanagem);</li> <li>• Traiu.</li> </ul>	----- -	Amor (suscitado no orador).

### Loira Desejada

Título da canções	Adjetivos / Locuções Adjetivas	Verbos	Metáforas / Comparações	Paixões
Soneto das loiras	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Altas;</li> <li>• Baixas;</li> <li>• Falsas;</li> <li>• Verdadeiras;</li> <li>• Discretas;</li> <li>• Educadas;</li> <li>• Descuidadas;</li> <li>• Coitadas;</li> <li>• Lindas;</li> <li>• Saradas;</li> <li>• Amantes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• São (defendidas);</li> <li>• Pintam (os cabelos);</li> <li>• Esquecem (de pintar as raízes);</li> <li>• Querer tê-las;</li> <li>• São (chamadas de burras, mas todos as querem como suas amantes).</li> </ul>	<p>-----</p> <p>-----</p>	<p>Amor (suscitado no orador);</p> <p>Segurança (suscitada nas mulheres loiras).</p>

Loira encantada	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linda;</li> <li>• Apaixonada;</li> <li>• Infeliz;</li> <li>• Cabisbaixa;</li> <li>• Descontente;</li> <li>• Encantada.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perdeu ( a felicidade);</li> <li>• Está (apaixonada);</li> <li>• Amava (loucamente);</li> <li>• Ficou (assustada);</li> <li>• Estava (chorando);</li> <li>• Abraçou (com ternura).</li> </ul>	“Dona do meu coração”.	Amor (suscitado no orador).
A loira do bar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bela;</li> <li>• Bonita;</li> <li>• Charmosa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estava (chorando);</li> <li>• Tinha (beleza sobrando);</li> <li>• Sentiu-se (segura);</li> <li>• Mostrando (um lindo sorriso).</li> </ul>	----- -----	Amor (suscitado no orador).
Loira, loirinha	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linda.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem (cabelo cor de ouro).</li> </ul>	“Linda loirinha como a flor do campo”.	Amor (suscitado no orador).
Minha loira	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Malvada;</li> <li>• Bonita;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É (bonita);</li> <li>• Tem (olhos bem azuis);</li> </ul>	“Beijos de mel”.	Amor (suscitado no orador).

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gostosa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É (gostosa da cabeça aos pés).</li> </ul>		
Loira linda	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linda;</li> <li>• Bonita;</li> <li>• Gostosa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Faz delirar;</li> <li>• Faz chorar.</li> </ul>	“És minha rainha loirinha”.	Amor (suscitado no orador).
Loura ou morena	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Clara.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem (corpo bem feito);</li> <li>• Tem (o azul do céu no olhar).</li> </ul>	“Cabelo louro vale um tesouro”.	Amor (suscitado no orador).
O gago e a loirinha	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sensual;</li> <li>• Gostosa;</li> <li>• Linda.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem (lindos olhos);</li> <li>• Tem (corpo bronzeado);</li> <li>• Tem ( bundinha sensual).</li> </ul>	----- -----	Amor (suscitado no orador).
Loirinha de galpão	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cheirosa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nasceu;</li> <li>• Virou (mulher);</li> <li>• Tornou-se (prenda loira);</li> </ul>	“Flor que virou mulher”;  “Cada vez que	Amor (suscitado no orador).

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Balança.</li> </ul>	tu balança, perfuma o meu coração”.	
Loirinha do pagode	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linda;</li> <li>• Gatinha;</li> <li>• Perfumada;</li> <li>• Bronzeada;</li> <li>• Maravilhosa;</li> <li>• Gostosa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sabe ( que é gostosa);</li> <li>• Sabe provocar;</li> <li>• Cai (no samba).</li> </ul>	“Ganhei um avião, que princesa”.	Amor (suscitado no orador).
Loirinha do bosque	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linda.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apareceu;</li> <li>• Estava (tão linda).</li> </ul>	----- -----	Amor (suscitado no orador).
Duvido quem não quer	-----	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Passou (a mão);</li> <li>• Pula;</li> <li>• Dança.</li> </ul>	“trem bão”.	Amor (suscitado no orador)

Depois de termos colocado todas as músicas na tabela, pudemos encontrar algumas categorias, pois cada grupo apresenta a mulher loira com características cognitivas ou físicas diferentes. Vejamos, a seguir, os trechos que nos levaram a pensar que cada mulher citada nas canções se encaixavam nessas categorias:

- **Loira fatal / sensual:** Aqui, as loiras apresentam um poder persuasivo da sedução. (Foram encontradas cinco músicas)

### 1- “O que que ela tem que eu não tenho”

**Afrodite Se Quiser**

**Composição: Indisponível**

*"Não adianta... Por mais que eu tente, não dá pra entender.  
Como é que você pode me trocar por essa... essa loira horrorosa?  
E agora eu não consigo me conformar  
Eu passo o tempo todo a perguntar....  
O que que ela tem que eu não tenho?  
O que que ela tem que eu não tenho?"*

### 2- A Nova Loira Do Tchan

**É o Tchan**

**Composição: Dito / Jorge Zarath / Cal Adan / Renato Fachine**

*"Luz na passarela que lá vem ela  
A nova loira do Tchan é linda  
Deixa ela entrar  
É linda, deixa ela entrar  
É linda  
Tem sessenta de cintura  
Que gostosura  
105 de bundinha*

*Que bonitinha  
1,70 de altura  
Ninguém segura  
Mas que loirinha danadinha, engraçadinha"*

### **3- Loira Fatal**

**Composição: Laionmen**

*"E era uma linda loira sensual sem igual  
Que desfilava pelas praias do Rio de Janeiro  
E entre olhares e assovios musa que era  
Tinha até cantor para lhe cantar uma canção  
Loira fatal do corpo escultural  
Do olhar angelical da mente liberal"*

### **4 - "Diabo Loiro"**

**Almir Rouche**

**Composição: Indisponível**

*"Um diabo loiro faiscou na minha frente  
Com cara de gente bonita demais  
Chegou de bobeira fazendo zoeira no meio da massa  
Quebrando vidraça, isso não se faz"*

### **5- Loirinha Sirigaita**

**Os Tiranos**

**Composição: Telmo de Lima Freitas**

*"Este teu riso é um luzeiro permanente  
Que de repente, quero ele só para mim  
Não diz que não, me diz que sim, linda loirinha  
Flor de rainha, benfaseja e querendona"*

*Depois de tanto procurar achei um dia*

*A estrela guia para mim'alma redomona"*

- **Loira burra:** Nesse caso, a mulher loira é vista como um objeto e sem inteligência para manter uma linha de raciocínio. (Foi encontrada uma música)

### **1- Lôraburra - Gabriel o Pensador**

**Composição: Gabriel o Pensador**

*"Milhões de pessoas transitam pelas ruas,*

*mas conhecemos facilmente esse tipo de perua,*

*bundinha empinada pra mostrar que é bonita*

*e a cabeça parafinada pra ficar igual paqueta.*

*Loira burra, Loira burra, Loira burra, Loira burra"*

- **Loira não é burra:** Esta é uma categoria de músicas que estão em defesa das loiras. (Foram encontradas duas músicas)

### **1- Forró – Frank Aguiar**

**Composição: Frank Aguiar**

*"A mulher loira*

*É nota dez e preferida*

*Carinhosa e definida*

*Tem poder de conquistar*

*Maliciosa*

*Tem a força da paixão*

*Quando toca o coração*

*Faz o cabra se amarrar...*

*A mulher loira*

*É linda por natureza*

*Tem um toque de beleza  
Igual a ela não há  
Eu não concordo  
Com esse dito popular  
Pois a loira não é burra  
Tem preguiça de pensar..."*

## **2- A loira não é burra**

**Racyne e Rafael**

**Composição: Rafael Dias Â– Sicar**

*"Fizeram uma canção por aí  
Que fez sucesso em todo país  
Falando mal da loira alguém  
Será que ele pensou  
Ele se enganou  
Eu não concordo com essa tese  
Por isso eu fiz a minha também  
A loira não é burra  
A loira não é burra"*

- **Loira delicada/ encantadora:** Notamos características bem angelicais nas canções dessa categoria. (Foram encontradas três músicas)

## **1- Chiquito e Bordoneio**

**“Feitiço do Chamamé”**

**Composição: Indisponível**

*"Cabelos pendão de milho rostinho cor de maçã  
Loirinha eu te contemplo faz tempo que sou teu fã"*

*Todas loiras do meu pago encantam qualquer xirú  
Mas não há outra loirinha mais bonita do que tu"*

## **2- Uma Loira**

**Dick Farney**

**Composição: Indisponível**

*"Uma Loira é um frasco de perfume  
Que evapora  
É o aroma  
De uma pétala de flor  
Espuma fervilhante de champanhe  
Numa taça muito branca de cristal  
É um sonho, um poema..."*

## **3- Loira Casada**

**Os Bertussi**

**Composição: Honeyde Bertussi / Adelar Bertussi**

*"Quando eu vi esta donzela  
Toda de vestido branco  
Cabelo loiro ondulado  
Bela flor cheia de encanto  
Eu falei pro meu irmão  
Isto foi na mesma hora  
Se ela não topar comigo  
Eu pego a gaita e jogo fora"*

- **Loira golpista:** As mulheres loiras que encontramos e encaixamos na presente categoria, possuíam o poder da sedução para conseguir o que queriam e depois fugiam ou se envolviam com outras pessoas. Aqui, o interesse era o dinheiro e os bens. (Foram encontradas duas músicas)

## 1- A Loira do Carro Branco

### Jovens Talentos

**Composição: João Paulo & Daniel / Paraíso / Jesus Belmiro**

**Interprete: Roger**

*"Foi o dia mais feliz que o meu coração sentiu  
Mas meu mundo encantado de repente destruiu  
Ao ver a loura tremendo, gemendo e suando frio  
Parei o carro depressa na travessia de um rio  
Enquanto eu fui buscar a água, que tão triste ela pediu  
Ouvi cantar os pneus e me dizendo adeus com meu carro ela sumiu"*

## 2- Arte Livre

**“Linda mansão”**

**Composição: Indisponível**

*"Tá vendo aquela casa?  
É uma linda mansão  
Tá vendo aquele carro?  
Que eu paguei prestação  
Tá vendo aquela loira?  
Que ainda amo de paixão  
E o cara que tá com ela  
Ganhou o seu coração"*

- **Loira desejada:** Nessa categoria, as mulheres loiras são as queridas pelos homens na música popular brasileira. (Foram encontradas doze músicas)

## 1- SONETO DAS LOIRAS

**Composição: Luiz Islo Nantes Teixeira**

*"Adoro as loiras altas ou baixas, falsas ou verdadeiras  
Aqueles acompanhantes discretas e educadas  
E aquelas injustamente citadas nas grandes piadas  
E não escondo que as amo a ponto de defendê-las"*

## **2- Loira encantada**

**Marco e Mario**

**Composição: Elias Muniz**

*"Parei de frente ao bar  
De quem é o carro  
Perguntei pro moço  
Que fez cara de suspense  
Mas depois me respondeu com gosto:  
Este pertence a uma loira  
A mulher mais linda desta cidade  
Ninguém sabe o motivo  
Mas ela perdeu a felicidade."*

## **3- A Loira do Bar**

**Mocóca & Paraíso**

**Composição: Indisponível**

**Moda campeira**

*"O corpo daquela loira tinha beleza sobrando  
Pensando na recompensa ali fiquei esperando  
E quando o bando voltou a briga foi começando  
Eu cheguei até pensar que o mundo estava acabando  
E quanto mais eu brigava mais eu estava apanhando"*

#### **4- Loira, Loirinha**

**Tonico e Tinoco**

**Composição: Darley / Tonico / Tinoco / Nadir**

*"Volte pra mim querida / Eu quero todos os carinhos teus  
Veja os teus olhos como estão chorando / Loirinha linda vem pros  
braços meus*

*Loira, loirinha / Cabelo cor de ouro*

*Dance comigo / E deixe de choro*

*Loira, loirinha / Cabelo cor de ouro*

*Dance comigo / E deixe de choro"*

#### **5- Minha Loira**

**Vanderlei Rodrigo**

**Composição: Indisponível**

*"Você não viu a minha loira por aí?  
Não vi não  
Você não sabe onde esta malvada está?  
Não sei não  
Ela é bonita tem os olhos bem azuis,  
A é  
Ela é gostosa da cabeça até os pés."*

#### **6- Loira Linda**

**Banda Solamar**

**Composição: Nego**

*"Loirinha tão linda que me faz lembrar  
Bonita e gostosa me faz delirar*

*Seu rosto tão lindo sua boca pequena  
Eu quero beijar*

*Já vejo seu rosto colado no meu  
Já sinto meu corpo grudado no seu  
És minha rainha loirinha tão linda  
Meu mundo é seu"*

## **7- Loura ou Morena**

**Vinicius de Moraes**

**Composição: Vinicius de Moraes / Haroldo Tapajós**

*"Se por acaso o amor me agarrar  
Quero uma loira pra namorar  
Corpo bem feito, magro e perfeito  
E o azul do céu no olhar  
Quero também que saiba dançar  
Que seja clara como o luar  
Se isso se der  
Posso dizer que amo uma mulher"*

## **8- O Gago e a Loirinha**

**Banda da Loirinha**

**Composição: Will**

*"Loirinha, eu quero ser teu namorado,  
Teus lindos olhos,  
Esse teu corpo bronzeado, uau!!  
Loirinha, esse teu jeito sensual  
Mas seu cabelo, éééé  
É um desastre universal*

Ôôôô, éééé, ôôôô, éééé,  
 Quando ela passa,  
 Todo mundo grita assim: gostosa!!"

## **9- Loirinha de Galpao**

### **Tche Guri**

**Composição: Fabio Vargas/Vilson N. Vieira**

*"Num galpão feito de barro  
 Coberto de santa-fé  
 Quem nasceu a linda estória  
 De flor que virou mulher  
 Era uma flor tão cheirosa  
 Que perfumava o galpão  
 E se tornou prenda loira  
 Rodando pelo salão  
 Loirinha, loirinha  
 Dos fandangos de galpão  
 Cada vez que tu balança  
 Perfuma meu coração"*

## **10- Loirinha do Pagode**

### **Mais Astral**

**Composição: Délcio Luiz**

*"Que loirinha linda, que gatinha  
 Que parou na minha não acreditei  
 Toda perfumada, pele bronzeada  
 Num olhar chocante que eu me apaixonei  
 Ei loirinha, tão maravilhosa  
 Sabe que é gostosa, sabe provocar*

*Quando cai no samba, até quem não samba  
Quer entrar na roda pra te paquerar  
Ganhei um avião, que princesa, loirinha da zona sul"*

## **11- Loirinha do Bosque**

### **Hélio dos Passos**

#### **Composição: Hélio dos Passos**

*"Até o bosque eu fui andando  
quando no bosque estava passeando  
você apareceu e eu nem sonhava  
estava tão linda, que felicidade  
me abraçou sorrindo, disse que me amava  
quando no bosque estava passeando  
você apareceu e eu nem sonhava  
estava tão linda, que felicidade  
me abraçou sorrindo, disse que me amava  
Dali em diante minha vida mudava  
um amor tão lindo, que eu "queria"  
loirinha do bosque me proporcionava  
tudo que eu gostava ela adorava"*

## **12 - "Duvido Quem Não Quer"**

### **Adeir e Ademar**

#### **Composição: Indisponível**

*"Fui numa festa a noite passada  
tava animado, tava um forrozão  
Eu fui dançar no meio da galera  
veio uma loira e me passou a mão  
Naquele instante eu fiquei naquela*

*pensei um pouco e falei pra ela  
Pula, dança, vem em mim trem bão"*

Na tabela, vimos que a mulher loira, ao contrário do que se pode pensar no discurso do senso comum, não é apenas vista como uma mulher essencialmente "burra" na música popular brasileira, percebemos que ela possui outros atributos que talvez não a livre de um preconceito.

Como afirma Robles (2006), sabemos muito pouco do que poderia ser o antecedente mítico de um feminismo condenado desde o princípio. A mulher, em sua trajetória pelos caminhos da oralidade cantada, encontrou o feminino, que se aloja em si mesma como característica intrínseca, demonizada, apenas por revelar, em um momento ou outro, necessidade de satisfação sexual. O mundo masculino, por outro lado, jamais deixou de manifestar explicitamente a necessidade de domínio sexual. A idéia do macho que deseja sem preconceitos é forte na cultura ocidental. A mulher que seduz, portanto, já denota arraigada no inconsciente coletivo, a marca demoníaca do desejo proibido a contemplação, porém é divina. Martha Robles (2006) é bem clara:

*"Nada ilustra melhor a missão feminina que a passagem da escuridão para a luz. Delineada para a reprodução. Seu temperamento é dinâmico, enquanto o masculino tende a contemplar e se mover pela inspiração divina encarnada pela companheira." (Robles -2006: 14)*

Reflexos desse modo de pensar ainda ecoam na música popular massiva. Como vimos, as mulheres loiras cantadas na amostragem possuem um poder de sedução muito grande, mesmo sendo consideradas, objetos "safadinhas", "danadinhas", suscitam paixões nos oradores altamente contemplativos e admiradores incondicionais da anatomia feminina.

Os adjetivos, como mostra a tabela, variam bastante, mas a grande maioria implica dizer que são belas, lindas, “bem feitas de corpo”, ou seja, causadoras de uma “paixão nacional”.

Robles (2006) explica, de alguma forma, essa característica feminina:

*"No eterno combate entre os atributos relativos a cada sexo, a hostilidade aumenta em consequência das contradições. Desse modo, afligidos pela obsessão de poder e não poder, os homens guerreiam das formas mais diversas e se concentram em uma única tarefa, seja prática ou racial. As mulheres, por sua vez, continuam a expressar-se sem grande alarde sua aptidão para preservar a vida como uma figura divinizada, a menos que se deixem empolgar por perversões que as desviem de seu compromisso." (2006: 15)*

Na tabela, os verbos ressaltam o "ter". Enquanto o discurso masculino das canções resalta a cobiça, as mulheres, sem fala no contexto criado, mantêm-se como objeto de contemplação. A cobiça, de acordo com Bordelois (2007) provém de *Cupio*, que, em latim, significa *desejar ter vontade de*. O termo Cupiditas, derivado desse mesmo verbo, podia significar também ambição e parcialidade. É bem interessante observar que as formas derivadas reforçam o significado de alguém prisioneiro do desejado de forma apaixonada e ardente. Bordelois (2007) explicita que trata-se de um desejo violento e instintivo.

As metáforas, dentre as canções citadas na tabela, são diversas. Elas variam das animais às imagens mitológicas e encantadoras semelhantes aos contos de fadas.

Tendo como base essas informações, escolhemos uma música para fazermos uma análise de como se constitui o ethos da mulher loira na música popular brasileira. Para tanto, analisaremos a “Lôraburra” de

Gabriel o Pensador que é a única que trata a mulher loira como apenas uma mulher objeto. Ele a conceitua de forma “machista”, palavra esta derivada da palavra macho que nos remete a pensar que ele age da forma como se fosse um integrante do reino animal e é por isso que nomeia as mulheres com tantas metáforas animais.

Para tanto, vamos conhecer um pouco sobre a vida desse compositor:

Gabriel o Pensador sofrera preconceito por parte de seus amigos por ser um garoto branco e de classe média que produzia rap. A essa atividade só eram permitidos que pessoas de classes sociais mais baixas a fizessem.

Filho da jornalista Belissa Ribeiro, ele apareceu no fim de 1992, quando ainda estudava Comunicação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Foi contratado pela Sony quando produziu a música “Tô feliz (Matei o Presidente)” mesmo com a música sendo censurada.

Em 1993, lançou as polêmicas “Lôraburra” e “Retrato de um playboy”. Com o sucesso em Portugal, Gabriel deu prosseguimento aos seus trabalhos com o disco “Nádegas a declarar”.

2003 foi o ano em que produziu um cd com um show ao vivo na MTV, com seus maiores sucessos, dentre eles “Lôraburra”.

### **Lôraburra - Gabriel o Pensador**

#### **Compositor Gabriel o Pensador – 1993**

*Existem mulheres que são uma beleza,  
mas quando abrem a boca, hum, que tristeza,  
Não é o seu hálito que apodrece o ar,*

*o problema é o que elas falam que não dá pra aguentar.  
Nada na cabeça, personalidade fraca, têm a feminilidade  
e a sensualidade de uma vaca.*

*Produzidas com roupinhas da estação,  
que viram no anúncio da televisão.*

*Milhões de pessoas transitam pelas ruas,  
mas conhecemos facilmente esse tipo de perua,  
bundinha empinada pra mostrar que é bonita  
e a cabeça parafinada pra ficar igual paqueta.*

*Loira burra, Loira burra, Loira burra, Loira burra.*

*Elas estão em toda parte desse Rio de Janeiro  
e às vezes me interrogo se elas estão no mundo inteiro,  
à procura de carro, à procura de dinheiro,  
o lugar dessas cadelas era mesmo num puteiro.*

*Quando só se preocupam em chamar a atenção,  
não pelas idéias, mas pelo burrão,  
não pensam em nada, só querem badalar,  
está na moda tirar onda, beber e fumar.*

*Cadelinhas de boate ou ratinhas de praia,  
apenas os otários aturam a sua laia  
e enquanto o playboy te dá dinheiro e atenção,  
eu só saio com você se for pra ser o Ricardão.*

*Não eu não sou machista, exigente talvez,  
mas eu quero mulheres inteligentes, não vocês!  
Vocês são o mais puro retrato da falsidade,  
desculpa amor mas eu prefiro mulher de verdade... Ai!*

*Você é medíocre e ainda sim orgulhosa,  
Loira burra, é mole, não está com nada e está prosa.*

*O seu jeito forçado de falar é deprimente,  
já entendi seu problema, você está muito carente.*

*Mas eu só vou te usar, você não é nada pra mim.*

*(...)*

*Pra quê dar atenção a quem não sabe conversar,  
pra falar sobre o tempo ou sobre como estava o mar.  
Não, eu prefiro dormir, sai daqui, Ham !  
Eu já fui bem claro, mas vou repetir,  
e pra você me entender, vou ser até mais direto:  
Loira burra, você não passa de mulher objeto.*

*Capas da moda, vocês são todas iguais,  
cabelos, sorrisos e gestos artificiais,  
idéias banais, e como dizem os racionais:  
Mulheres vulgares, uma noite e nada mais.  
Loira burra, você é vulgar sim,  
seus valores são deturpados, você é leviana. Ham!  
Pensa que está com tudo, mas se engana  
sua frágil cabecinha de porcelana.  
A sua filosofia é ser bonita e gostosa,  
fora disso é uma sebosa, tapada e preconceituosa,  
Seus lindos peitos não merecem respeito,  
marionetes alienadas, vocês não têm jeito.  
Eu não sou agressivo, contundente talvez,  
o Pensador dá valor às mulheres, mas não vocês,  
vocês são o mais puro retrato da falsidade,  
desculpe amor mas eu prefiro mulher de verdade  
E, não se esqueça que o problema não está no cabelo, está na cabeça,  
Nem todas são sócias da farmácia.  
Tem muita Loira burra de cabelo preto e castanho por aí.  
E, Loira burra morena, ruiva, preta, loira burra careca.  
Tem a Loira burra natural também, cada Loira burra é de um jeito,  
mas todas são iguais. Você está me entendendo. Preste atenção:  
Eu gosto é de mulher*

Gabriel o Pensador, o orador da presente canção, aborda, de forma jocosa e irreverente, uma crítica às mulheres loiras e dirige a elas, o seu auditório, as suas idéias.

As partes do discurso, aqui, são apresentadas:

A invenção, primeira parte do discurso, deixa claro o gênero oratório epidíctico ou demonstrativo que se refere ao ato de menosprezar o potencial intelectual da mulher loira que o orador tanto critica ao longo de sua canção, quando afirma e reafirma o refrão “Loira burra”. O refrão, como se sabe, traz em si a forma mais antiga das técnicas de memorização, ou seja, a repetição.

Na disposição, o exórdio trata da ideologia de mulher que o orador tem e apresenta rapidamente o seu desgosto por mulheres que são apenas bonitas e não têm conteúdo intelectual. A narração é constituída de forma a deixar claro o pensamento do orador. Ele tenta persuadir o seu auditório, as mulheres loiras, de que elas não passam de “mulheres objetos”. A confirmação se dá por intermédio do seguinte trecho:

*"Existem mulheres que são uma beleza,  
mas quando abrem a boca, hum, que tristeza,  
Não é o seu hálito que apodrece o ar,  
o problema é o que elas falam que não dá pra aguentar.  
Nada na cabeça, personalidade fraca, têm a feminilidade  
e a sensualidade de uma vaca."*

O orador desmonta, no início da canção, uma tradição secular que liga a mulher ao sensível ao declarar que possuem a "sensualidade de uma vaca", afasta a idéia de uma mulher órfica, que representa o princípio do prazer, o símbolo erótico que reveste o feminino em todos os tempos. A referência à tagarelice feminina se opõe por antítese a uma tendência reconhecidamente masculina: o laconismo. O orador exige um

interlocutor capaz de operar cognitivamente com competência e profundidade temática.

Uma explicação possível para a sedimentação desse preconceito pode ser vista em Touraine (2007):

*“Mulheres e homens não se opõem diretamente, mas também não seguem caminhos convergentes. Ambos têm representações muito diferentes da vida pública. Para os homens, esta tem um conteúdo político e diz respeito acima de tudo aos dirigentes; para as mulheres, os problemas provados devem ocupar o centro da vida pública, e esses problemas o movimento feminista já os havia colocado em primeiro plano... (...) De fato, os homens separam vida privada e vida pública, diferentemente das mulheres que as unem. (...) As mulheres falam de suas relações com os homens e, principalmente da relação com elas mesmas, mesmo que os homens geralmente diguem em silêncio ou manifestem certa repugnância por prestar contas às mulheres de seus discursos ‘viris’ que os embaraçam até mesmo quando dão a impressão de aceitar este desafio” (2007 :85)*

Como se percebe, pode ser a tematização que impressiona negativamente o orador. A natureza das conversas públicas entre homens e mulheres pode trazer essa marca de preferências temáticas. Advém da incompatibilidade, a hierarquização masculina sobre conversas femininas de que *“falam o que não dá para aguentar”*.

A peroração demonstra que o orador não se refere apenas às mulheres loiras, mas também a todas as outras mulheres que se preocupam apenas com a sua aparência física e não a intelectual. O orador confunde ou, pelo menos mistura a questão da sensualidade com a capacidade intelectual. Não leva em conta a constituição diferenciada da

identidade social-discursiva. Ao longo dos séculos, pelo feminino, o discurso utilizado para criar um ethos e fomentar o preconceito baseia-se numa observação aparentemente subjetiva, mas, com certeza, nascida de representações há tempos alimentadas no discurso comum.

O preconceito com essas mulheres se deu início com a atriz Marilyn, a deslumbrante loira “falsa” de Hollywood, que foi a primeira a ganhar o título de deusa incontestável em escala mundial. Também foi a que inaugurou a classificação de loira avoadada. Nos anos 50, a indústria cinematográfica americana buscava uma diva que afagasse a insatisfação dos soldados americanos que voltavam para casa depois de combater na II Guerra Mundial e encontravam um país com mulheres mais confiantes e independentes. Com o retorno dos chefes de família, muitas mulheres não aceitavam a tarefa de apenas “pilotar o fogão”. Os “chefões” de Hollywood tiveram uma idéia brilhante, que se tornou também uma mina de dinheiro: as mulheres bem-sucedidas e autoconfiantes tornaram-se raras nas telas de cinema e a figura da estonteante e loiríssima Marilyn, que além de sexy era submissa, ganhou espaço. Nesse momento, então, o preconceito “loira burra” foi estabelecido.

A elocução do presente discurso de Gabriel o Pensador se dá por meio da linguagem informal e de figuras de linguagens. A hipérbole é uma figura que se destaca: inteiramente baseado no senso comum. O orador vê a maldade como um mal em si mesmo e não reconhece a exposição da sensualidade e da beleza como uma característica do feminino:

*"Produzidas com roupinhas da estação,  
que viram no anúncio da televisão.  
Milhões de pessoas transitam pelas ruas,  
mas conhecemos facilmente esse tipo de perua,  
bundinha empinada pra mostrar que é bonita*

*e a cabeça parafinada pra ficar igual paqueta.*

*Loira burra, Loira burra, Loira burra, Loira burra"*

Uma vez que o propósito é valer-se do gênero epidíctico, a fim de denegrir a imagem feminina na peroração, o autor critica o consumismo de algumas mulheres, ressalta a incapacidade crítica para bem ler os apelos comerciais e cria modelos negativos de mulheres: as paquetas, todas loiras, com formas físicas protuberantes. A crítica à erotização do meio televisivo e sua influência é contundente: as condições naturais do feminino perdem terreno para uma caricatura contemporânea, adornada com injeções de silicone, banalizada pela mostra dos órgãos sexuais que escapam pelas roupas minimizadas. Politizado, o orador considera a mídia como um estrato inferior capaz de seduzir e alienar. Como “algumas” mulheres não percebem a manobra persuasiva, são consideradas “peruas”, que, a nosso ver, é um bom sinônimo para fútil. A figura de presença contida no refrão é muito enfática: loira burra, loira burra, loira burra.

O orador se vale também de metáforas na grande maioria animais: ratinhas, cadelas e cadelinhas, vaca, objeto e marionetes alienadas. Leitão (1988) afirma que a mulher é vista pela nossa sociedade como uma mulher objeto, porque o que é importante a ela é que seja bonita e não tenha capacidades intelectuais. O conceito para homem muda completamente, porque ele não precisa ser bonito, ele necessita ser inteligente. A autora afirma também que duas formas parecidas de tratamento podem ofender mais a um e não a outro. Se alguém chamar uma mulher de “burra” ela não vai se importar tanto, mas se isso acontecer a um homem, certamente o ofenderia. Agora, se chamarmos uma mulher de “barriguda” esta ficaria muito magoada, pois a mulher precisa ser bonita, e esse termo implica em não ter um corpo perfeito. Já para um homem, o termo “barrigudo” não ofenderia tanto, pois ele poderia afirmar com prazer, que aquela barriga era puro

“chope”. A barriga proeminente no homem é sinal de fartura e prazer. Os valores são diferentes pois, Leitão (1988) esclarece:

*“ A desumanização da mulher faz-se primeiramente quando o homem a considera um objeto que tem de ser bonito para poder ocupar um lugar na sociedade. Ela além de ser vista como um objeto bonito, agradável aos olhos, é definida também em função da sua sexualidade. Nela, a sua humanidade – o seu ser - não é levada em conta. O homem não a vê como um ser humano, e sim como um objeto sexual , com características físicas que devem lhe agradar.” (1988: 28)*

Até pouco tempo atrás, a nossa sociedade era dirigida por apenas homens e estes advém de uma cultura machista que existe desde a criação do mundo. Eles acham que a mulher é metade do homem, pois veio de uma costela de Adão e por isso a mulher deve ter sempre uma imagem bonita e ser bem feita de corpo para procriar e ser um atrativo ao seu homem. A idéia de submissa veio com Eva, no entanto, Lilith, a primeira mulher de Adão não apresentava essa imagem angelical. Podemos dizer que ela se assemelha às mulheres de hoje, que não apresentam apenas um rosto bonito, mas sim a sua capacidade intelectual.

O preconceito se estende no campo sexual. Leitão (1988) afirma que é da natureza masculina que o homem seja polígamo, mas isso não acontece à mulher, pois se isso acontecer ela ganhará nomenclaturas pejorativas. Um exemplo disso é a metáfora “galinha” que para um homem é um nome que nos remete a aquele que tem muitas mulheres, mas neste caso, esse atributo é visto como positivo. Já para uma mulher, é aquela que tem vários homens e, na nossa sociedade, a poligamia feminina não é permitida.

Na canção de Gabriel o Pensador, notamos o em todas as falas do orador e os argumentos usados por ele são baseados na estrutura do real, pois, por meio de suas explicações, tenta persuadir o auditório de que as suas idéias são verossímeis e assim afirma e generaliza que todas as loiras são burras, mesmo dizendo no final da música que existem loiras burras morenas e ruivas.

As figuras retóricas também são muito usadas e funcionam como provas retóricas. Como vimos em Reboul (1998), podemos encontrar algumas figuras de palavras, de sons, de sentido e de construção.

As figuras de palavras podem ser notadas no seguinte trecho da música:

“ ... bundinha empinada para mostrar que é bonita  
E a cabeça parafinada para ficar igual paquita”

A idéia de ficar igual “paquita” nos remete a um conhecimento de mundo que temos na época do programa da Xuxa para baixinhos, em que havia muitas meninas que pintaram os seus cabelos de loiros para ficar como uma discípula da “rainha dos baixinhos”. Essas garotas dançavam e se mostravam com roupas curtinhas e botas altas para demonstrar também um toque sensual.

A figura de sentido que é muito usada na presente canção é a metáfora. O orador faz inúmeras referências consideradas pouco elogiosas, tais como:

“Cadelinhas de boate ou ratinhas de praia,  
Apenas os otários aturam a sua laia  
E enquanto o playboy te dá dinheiro e atenção,  
Eu só saio com você se for pra ser o Ricardão.”

No trecho acima, o orador se refere às mulheres loiras como “caulinhas de boate” e “ratinhas de praia”, e insinua que esse tipo de mulher não serve para outra coisa a não ser apenas para o ato sexual. A outra metáfora que ele utiliza, nos remete a idéia de que o “Ricardão” é aquele que quer se mostrar ao lado de belas mulheres apenas.

Explorando um outro gênero discursivo, Robles (2006) traduz, de algum modo, o que o orador captou nos versos simples e até grosseiros no que tange à constituição da personalidade feminina:

*“Intuitivamente, as gerações reconhecem aquela que é realmente mulher daquela que não o é. “Uma grande mulher”, reza o lugar comum quando se percebe uma personalidade radiante ao redor da qual se respira a autoridade que prodigaliza uma feminilidade consumada no alto reconhecimento de si mesma em benefício e a serviço dos demais. E chama-se a ela mulher talvez sem reparar na leveza vigorosa que inspira sua graça ou na elegante harmonia que, mesclada de dor e de alegria, difunde tanto o questionamento crítico de sua realidade como o saldo de esperança que anima sua certeza vital”*

(2006: 19)

Podemos dizer que o nosso orador está tomado de uma paixão, o desprezo que, segundo Aristóteles (2000), diz tender para a ruptura, ou seja, é provável que esse tipo de mulher possa vir a “mexer” com os sentimentos desse orador, ou seja, ele pode ter sido persuadido por meio da sedução.

Tendo como base os preceitos de Leitão (1988), o orador manifesta em toda a canção que essa mulher loira apresenta tudo o que um machista deseja em uma mulher. Levando em consideração que esse orador é um machista, logo, chegamos a conclusão que ele está tomado por um outro

tipo de paixão que é o amor, pois a mulher na concepção de um machista precisa ser apenas bonita.

## Considerações Finais

O tema da presente pesquisa é o feminino na música popular brasileira e de acordo com os nossos estudos procuramos explicar o preconceito existente contra as mulheres loiras, que atualmente, podemos notá-lo em inúmeras piadinhas que por sua vez solidificaram os discursos públicos.

Partimos da idéia de que o preconceito é disseminado pelos discursos que são reproduzidos por intermédio dos meios de comunicação midiáticos e, assim, a nossa análise se ateve a um recurso muito forte em nossa sociedade que é a música popular massiva.

Para realizarmos uma análise, tivemos de nos debruçar sobre os recursos retóricos que alguns oradores utilizam para persuadir o auditório. Notamos que as canções populares não apresentaram uma rica linguagem, pois são destinadas a um público específico mais preocupado com as convenções sonoras.

Uma canção, dentre as vinte e cinco, foi analisada para demonstrar o preconceito com que o orador transparece quando se trata de mulher loira. Pudemos observar que o orador demonstrava um ethos machista e por isso fazia, ao longo de sua canção, o uso de inúmeras metáforas animais que se referiam às mulheres loiras.

Tomamos como base, três ícones que orientaram a nossa análise: lilith, a primeira esposa de Adão, Eva, a segunda, no entanto a única citada na Bíblia e Afrodite a deusa mitológica do amor que apresentava um poder persuasivo da sedução a todos aqueles que voltassem os olhos a ela.

No início de nosso trabalho, foram realizadas algumas perguntas seguidas de hipóteses: Como podemos definir o ethos da mulher loira em

geral na música popular brasileira? Como podemos provar retoricamente que o orador quer transmitir uma imagem positiva ou negativa sobre essas mulheres? Será que todas possuem uma imagem angelical? Todas são frutos do poder da sensualidade? São anjos ou demônios? São inteligentes, ou a força do preconceito só consegue classificá-las como burras?

As respostas a essas perguntas foram dadas ao longo do nosso trabalho. Podemos afirmar, de acordo com o número de amostragens que coletamos, que o ethos da mulher loira na música popular massiva é constituído pela imagem da mulher desejada que se assemelha à figura de Afrodite, a deusa da Mitologia grega, do amor. As provas retóricas são principalmente as paixões suscitadas nos oradores das canções que são transmitidas ao auditório que, por sua vez, na grande maioria, são positivas. As imagens negativas das loiras são mostradas principalmente por meio de metáforas animais que desumanizam essas mulheres.

Em algumas canções pudemos notar a imagem angelical e a semelhança com a mulher idealizada no Romantismo. Em outras, vimos o poder de sedução que elas possuem.

No que se refere à inteligência, vimos em algumas músicas que as mulheres usam de astúcia para conseguir o que querem. Sabemos que os homens se encantam com o visual delas e, portanto, sabendo disso, usam esse artifício em prol delas mesmas para conquistarem aquilo que almejam. Ou seja, chegamos à conclusão que as loiras, na música popular massiva, utilizam a sua beleza irradiante para persuadir os homens que acham que ainda estão no poder.

Portanto, o preconceito contra essas belíssimas mulheres não prevalece na música popular massiva.

## Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. (1954) in REBOUL, Olivier. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. A retórica das paixões. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CALDAS, Waldenyr. A cultura político-musical brasileira. São Paulo: Musa Editora, 2005.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figures, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

ENGELHARD, Suely. O renascer de Lilith. In: Revista da Sociedade de Psicologia Analítica, nº 15. São Paulo, 1997.

HILLMAN, James. O mito da análise: três ensaios de psicologia arquetípica. Trad. Norma Telles. Vol. I. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984.

LEITÃO, Eliane Vasconcellos. A mulher na língua do povo. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1988.

LEITE, Marli Quadros. Preconceito e intolerância na linguagem. São Paulo: Contexto, 2008.

LESSA, Fábio de Souza. O feminino em Atenas. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

MELLO, Homem de e VANDRÉ, Geraldo. In: MENESES, Adélia Bezerra de. Figuras do feminino na canção de Chico Buarque. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

MEYER, Michel. A retórica. São Paulo: Ática, 2007.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Retóricas de ontem e de hoje. São Paulo: Humanitas, 1997.

MURARO, Rose Marie. Textos da fogueira. Brasília: Letraviva, 2000.

OLIVEIRA, Lucia M. Lippi de. O Brasil dos imigrantes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. Portugueses em São Paulo: a face feminina da imigração. São Paulo: Expressão e Arte, 2005.

PERELMAN, Chaim e OLBRECHTS TYTECA, Lucie. Tratado da Argumentação. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIMENTA, Alexandre. Saudade Seresteira. Belo Horizonte: Leme, 1990.

PITMAN, Joanna. On Blondes. New York: Copyright, 2003.

REBOUL, Olivier. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROBLES, Martha. Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos. Trad. William Lagos, Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1969.

SICUTERI, Roberto. Lilith: A lua negra. Trad. Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. Uma São Paulo alemã – vida cotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1987- 1889). São Paulo: Coleção teses e monografias, 2003.

TINHORÃO, José Ramos. Música popular – um tema em debate. São Paulo: 34, 1997.

TOURAINÉ, Alain. O mundo das mulheres. Trad. Francisco Moras. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

Webgrafia:

<http://www.cbpf.br/~eduhq/index2.html>

<http://alexpeper.sites.uol.com.br/serestas.html>

<http://www.cifraclub.com.br>

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)